

Dossiê
ESPAÇO CULTURAL ANTIGA MATRIZ
Antiga Igreja Matriz de São Miguel de Dois Irmãos

Historiador responsável: Dr. Rodrigo Luis dos Santos

Dois Irmãos

2021

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1ª Parte: A ANTIGA MATRIZ DE SÃO MIGUEL..... | 3 |
| Capítulo 1: A COMUNIDADE E A PAISAGEM..... | 4 |
| Capítulo 2: DA CAPELA A IGREJA | 17 |
| Capítulo 3: O COTIDIANO RELIGIOSO | 22 |
| Capítulo 4: DESSACRALIZAÇÃO E DESATIVAÇÃO | 37 |
| Capítulo 5: O ABANDONO DA EDIFICAÇÃO | 37 |
| 2ª Parte: O ESPAÇO CULTURAL ANTIGA MATRIZ | 38 |
| Capítulo 6: A MOVIMENTAÇÃO COMUNITÁRIA | 39 |
| Capítulo 7: O TOMBAMENTO E A AQUISIÇÃO..... | 42 |
| Capítulo 8: O RESTAURO..... | 49 |
| Capítulo 6: A REQUALIFICAÇÃO..... | 52 |
| REFERÊNCIAS | 53 |

1ª Parte

A ANTIGA MATRIZ DE SÃO MIGUEL

Capítulo 1

A COMUNIDADE E A PAISAGEM

A primeira leva de imigrantes alemães desembarcou no local escolhido para sediar a Colônia Alemã de São Leopoldo em 25 de julho de 1824. Estas terras, anteriormente, eram parte da Real Feitoria do Linho Cânhamo, em funcionamento entre os anos de 1788 e março de 1824. Seu núcleo inicial foi alocado às margens do Rio dos Sinos. Conforme o historiador Marcos Tramontini (2003), a vinda de imigrantes de origem germânica para essa região da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul atendia demandas internas, ou seja, tanto do jovem Império do Brasil, quanto externas, por conta da realidade pela qual passavam os estados que posteriormente formaram a Alemanha unificada. No caso brasileiro, esses imigrantes contribuiriam para o branqueamento da população, a formação de um Exército mais profissional, a ocupação territorial de áreas estratégicas da Província e a estruturação de uma agricultura baseada na pequena propriedade e na pluricultura. Ao deixarem as regiões alemãs, este contingente humano deixava de ser um problema social para seus governantes, por conta do alto índice de miserabilidade e das questões político-militares que marcavam boa parte da Europa naqueles primeiros anos do século XIX, especialmente após o Período Napoleônico.

Nos anos seguintes, novos imigrantes chegavam, o que fez com que a área colonial se expandisse, especialmente para a região da Encosta da Serra. E neste contexto que inicia a ocupação imigrante na região que hoje forma o município de Dois Irmãos. Diferentes grupos foram se estabelecendo “do outro lado do morro Dois Irmãos”, a partir de 1826. Mas o grande destaque nesse processo é dado ao ano de 1829, onde algumas famílias ali se estabeleceram, após enfrentar adversidades na viagem marítima, como tempestades e naufrágio. Por conta desse relato, se convencionou dizer que a fundação de Dois Irmãos ocorreu em 29 de setembro de 1829, o que pode ser desmentido por documentação da época.

Germano Moehlecke, historiador e, por muitos anos, presidente do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, instituição do qual foi um dos fundadores, realizou um importante trabalho de procura por documentação e transcrição dos mesmos em muitas de suas publicações. Em um destes trabalhos, de 1987, Moehlecke traz algumas informações coletadas junto a correspondências e relatórios salvaguardados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Neste compilado, além de informações sobre a comunidade católica e etapas da construção das igrejas, também aborda a colonização de Dois Irmãos, indicando que esse processo iniciou

bem antes de 1829. Segue abaixo a transcrição de correspondência de José Tomaz de Lima, então Inspetor da Colônia Alemã de São Leopoldo, ao presidente da Província, Salvador José Maciel.

Ao Ilmo. Exmo. Sr. Salvador José Maciel, Presidente da Província.

Participo a V. Excía. que no dia 26 do mês passado os bugres¹ saíram no fim da Linha Central denominada Baum e matando três homens e uma mulher e ferindo gravemente um menino. Os bugres saíram às onze horas do dia e com muito medo, senão o estrago seria muito maior. Conta a mulher de um dos homens que morreram que estava trabalhando na sua colônia, que é a última, quando ouviram gritar dois que estavam cobrindo uma casa na colônia imediata e acudindo eles para aquela parte para ver o que era, há poucos passos viram no caminho uma mulher morta, e logo lhes saiu ao encontro um bugre, e com um pau deu uma pancada na cabeça do marido que logo deitou a baixo e, enquanto o estava matando ela fugiu. Os outros dois e a mulher não se sabe como foram mortos. [...] No dia 1º do corrente fiz entrar no mato uma partida de trinta e dois homens portugueses para seguirem os bugres, porém agora não sei do resultado porque ainda não voltaram. [...] Colônia Alemã de São Leopoldo, 5 de março de 1829. José Thomaz de Lima, Inspetor da Colônia Alemã de São Leopoldo.

Embora não seja indicada na transcrição, o episódio narra o ataque sofrido por imigrantes alemães instalados na área que hoje é Dois Irmãos. Além disso, o documento nos permite ver que os primeiros anos após a chegada dos imigrantes foram conturbados e com episódios até mesmo violentos. Não entramos aqui no mérito ou em julgamentos de valores, pois as questões que envolvem os processos de imigração e colonização e as relações com as populações originárias são bastante complexas, necessitando de aprofundamentos que aqui não será possíveis.

Uma tradição que passa de geração em geração – mas que não é confirmada por pesquisas históricas – é que estes imigrantes teriam feito uma promessa: se chegassem salvos ao seu destino, construiriam uma igreja e celebrariam, anualmente, a festa do santo daquele dia. Como é atribuída a data de 29 de setembro para essa chegada, o santo homenageado foi São Miguel Arcanjo, comemorado nesta data. Essa versão foi compilada pelas narrativas orais e publicada pelo Pe. Theodor Amstad, S.J. no livro *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul 1824-1924*², publicado no centenário da imigração alemã, em 1924. Em 2020, os pesquisadores Décio Scharen e Friedrich Hüttenberger, a partir de cartas e outros documentos,

¹ Denominação, pejorativa em sua origem, para se referir aos povos indígenas no Sul do Brasil.

² Traduzido para o Português pelo professor Arthur Blásio Rambo. Queira ver: RAMBO, Arthur Blásio. **Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul** (1824 – 1924). São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

lançaram um livro relativizando algumas das narrativas difundidas ao longo de quase dois séculos.³

As relações entre imigrantes e nacionais, entre católicos e protestantes, por sua vez, não podem ser consideradas como harmoniosas e pacíficas. Conflitos e estranhamentos fizeram parte do cotidiano desta comunidade que se formava – e que fez parte de sua história nas décadas seguintes. O Pe. Agostinho Lipinski, S.J., em carta datada de 4 de março de 1851 (SPOHR, 2016, p. 30-31), destinada ao Superior Provincial na Espanha, relata aspectos que demonstram esse sentimento de estranhamento, tanto sobre a sociedade como sobre o ambiente e a paisagem que ele se deparava.

A primeira dessas colônias, chamada São Leopoldo, acha-se na entrada de grande mata. Os católicos daqui são pouco numerosos. Uma choupana lhes serve de igreja, assistindo-lhes um sacerdote nacional. Uma grande planície estende-se dessa missão à outra colônia, cujos habitantes, em sua maior parte são luteranos (de Hamburgo Velhos). Os católicos de lá construíram no ano passado, por conta própria, uma igreja, colocando-a sob o patrocínio de Nossa Senhora da Piedade.

Não longe dali, levanta-se em meio à mata o pequeno lugarejo “Schwabenschneiss” (Picada dos Suábios).⁴ Suas 30 famílias católicas são de Hannover e, até agora, ainda não puderam encontrar um sacerdote de língua alemã. De Schwabenschneiss chega-se a uma estação denominada pelos portugueses de Dois Irmãos, e pelos alemães de “Baumschneiss”. Encontra-se ela em colinas ricas de árvores (auf “Baumreichen Ruegeln”, por isso Baumschneiss; que o primeiro morador se chamasse Baum, isso não me consta). Encontram-se ali notáveis plantas medicinais.

Nos matos há serpentes, macacos, onças, graxains, leões (?) e outros animais selvagens. É de supor que nessas regiões tenham morado índios, pois encontram-se muitos utensílios próprios dos mesmos, sem que haja o menor indício de túmulos. O grande número de católicos morando nessa colônia, misturados com protestantes, possui uma igreja de material (de pedra), dedicada ao Arcanjo São Miguel. Cinco horas mais além há uma capela de madeira (Bugerberg)⁵; os alemães construíram-na apesar das próprias necessidades. É dedicada a São Francisco Xavier.

Quando os padres espanhóis João Coris e José Sato visitaram estas paragens, pregaram logo missões para os de língua portuguesa. Começaram em São Leopoldo, onde o próprio presidente desta colônia, ainda que luterano, assistia a todas as pregações. Continuaram então estas missões em Dois Irmãos, Bom Jardim e São José, onde converteram a católicos. Em vista do lastimável estado religioso desta terra, resolveu-se mandar-lhes padres alemães. Em 1849, confiou-se-me juntamente com o Pe. João Sedlak e um irmão coadjutor esta tão difícil tarefa. Em fevereiro do mesmo ano embarcamos em Antuérpia rumo ao Brasil.

Com exceção dos recém-chegados, ninguém tinha recebido o santo sacramento da penitência já há 20 anos, por falta de sacerdotes. Esta falta e a praga dos casamentos mistos tinham dado uma total indiferença religiosa, particularmente entre a juventude que passava os dias de preceito em tabernas ou na roça.

A colônia de Dois Irmãos precisou realmente de nossos primeiros socorros. Quando os protestantes perceberam que alguns deles haviam passado ao catolicismo,

³ Ver: SCHAUREN, Décio A; HÜTTENBERGER, Friedrich F. **Desvendando um mito**: a lenda do veleiro Cécilia. A história real da dramática viagem de emigração de um grupo de colonos alemães para o Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2020.

⁴ Atualmente essa localidade é denominada Travessão, fazendo parte do território do município de Dois Irmãos.

⁵ Morro dos Bugres, em língua alemã. Essa nomenclatura evidencia que populações indígenas circulavam por essa região, reforçando a veracidade do episódio ocorrido em Dois Irmãos em fevereiro de 1829.

chegaram ao ponto de ameaçar-nos com a morte. Vários católicos começaram a acompanhar-nos em nossas viagens. Mas, até agora, tudo ficou em ameaças e alguma gritaria em frente à nossa casa. Apesar de tudo isso, o bem vai medrando cada vez mais admiravelmente.

Recomendo-me a seus santos sacrifícios, Pe. Lipinski, missionário da Companhia de Jesus.

O relato do Pe. Lipinski, S.J. atenta para os conflitos religiosos ocorridos entre católicos e protestantes. Entretanto, entre os próprios católicos ocorreram momentos de tensão. Em 1848, em decorrência da falta de assistência pastoral e espiritual mais efetiva de um padre que falasse alemão, os colonos estabelecidos em Dois Irmãos escolheram um leigo para ministrar os ofícios religiosos. Até 1849, estava sob responsabilidade dos padres da Capela Nossa Senhora da Conceição, de São Leopoldo, prestar o atendimento aos imigrantes situados em outras regiões coloniais, como era o caso de Dois Irmãos.

Conforme citado pelo pesquisador e padre jesuíta Inácio Spohr (2016, p. 27-28), o colono eleito pelos seus vizinhos como “padre leigo” instruía as crianças e celebrava uma espécie de missa aos domingos e dias festivos, utilizando o espaço da Antiga Igreja Matriz. Segundo registros, o homem “ia ao altar vestido com casaco comum, de cujos bolsos sobressaía o baralho”. Acompanhado e auxiliado por dois coroinhas, fazia uso do Missal Romano e fazia a leitura de algumas orações ali previstas. Contudo, não realizava a Prece de Consagração do pão e vinho, pedindo ao povo que se ajoelhassem e mantivessem o silêncio, em sinal de respeito. De certa forma, não agia com má intenção, mas em virtude das necessidades dos católicos desatendidos de Dois Irmãos.

Com o fim da Guerra Civil Farroupilha no Rio Grande do Sul, a vinda de imigrantes teve retorno. Entre 1847 e 1848, algumas famílias se instalaram em Dois Irmãos e, em pouco tempo, surgiram atritos entre dois grupos católicos: os antigos moradores, que apoiaram o “padre leigo”, de um lado, e os novos imigrantes, que o criticavam fortemente. A hostilidade chegou ao ponto de ocorrerem brigas com o uso de machadinhas e punhais. A situação somente foi abrandada com a chegada do Pe. Lipinski, S. J., em 1849, que tomou partido dos novos moradores alemães em Dois Irmãos. Não obstante, o sacerdote também reclamava que o clero nacional não se mostrava muito amistoso aos missionários alemães, mas que contavam com o apoio do então Bispo do Rio Grande do Sul, D. Feliciano José Rodrigues de Araújo Prates.

Em 8 de julho de 1857, D. Feliciano publica o Decreto Episcopal que eleva a Capela de São Miguel de Dois Irmãos ao status de Paróquia, também recebendo à elevação jurídica à categoria de Freguesia – por conta da relação político-administrativa entre a Igreja Católica e o Império do Brasil. Assim diz o documento:

Decreto do bispo diocesano Dom Feliciano José Rodrigues de Araújo Prates eleva à freguesia “a Capela de São Miguel na Picada dos Dois Irmãos”. Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Palácio da Presidência em Porto Alegre, 8 de julho de 1857.

O Vice-Presidente da Província, autorizado pelo artigo 3º da Lei Provincial n. 338, de 17 de fevereiro do corrente ano, que elevou à freguesia a capela de São Miguel na picada dos Dois Irmãos no município de São Leopoldo, tendo por limites os que forem marcados pelo Governo da Província de acordo com o Poder Espiritual.

São marcados, com o parecer de Sua Excia. Revma. O sr. Bispo diocesano Dom Feliciano por letras suas de 27 do mês de junho findo, para esta nova freguesia os seguintes limites. Pela picada Travessão, pela dos Dois Irmãos, pela do Walachai, pela dos Bugres e pela do Verão. Para que chegue ao conhecimento de todos e tenha a devida execução, assim, se faz público. Patrício Correia da Câmara, conforme o secretário interino do governo, João Capistrano de Miranda e Castro.

Está conforme o Pe. Francisco das Chagas Martins Ávila Luz, secretário do Bispado.

Alguns dias depois, Pe. Agostinho Lipinski, S.J., que atuava na localidade como missionário há oito anos, é nomeado como primeiro vigário (pároco) da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos, permanecendo no cargo por quase dez anos, até janeiro de 1867, quando foi substituído pelo Pe. Guilherme Doerlemann, S.J.

Listagem de Vigários e Párcos 1857-1980 – Paróquia São Miguel de Dois Irmãos

| Sacerdote | Categoria | Início da administração o paroquia | Final da administração o paroquial | Informações |
|-------------------------------|---------------------|---|---|---|
| Padre Agostinho Lipinski S.J. | Religioso (Jesuíta) | 27 de julho de 1857 | Janeiro de 1867 | Nascido na Polônia, chegou ao Rio Grande do Sul em 1849, juntamente com o Pe. João Sedlac, S.J. e o Ir. Anton Sonntag. Enquanto o Pe. Sedlac foi designado para a comunidade católica de São José do Hortêncio, Pe. Lipinski assumiu a comunidade São Miguel de Dois Irmãos. Quando, em 1859, esta foi elevada à categoria de paróquia, sendo desmembrada da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de São Leopoldo, foi nomeado como primeiro vigário, exercendo a função até 1867, quando retornou para a Polônia. Pe. Agostinho Lipinski faleceu em 1869. |
| Padre Guilherme | Religioso (Jesuíta) | Janeiro de 1867 | Dezembro de 1873 | Foi o padre jesuíta que mais tempo exerceu a função de vigário da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos, em um total de |

| | | | | |
|---------------------------------|---------------------|------------------|-----------------|---|
| Doerlemann S.J. | | | | 24 anos. Pe. Guilherme Doerlemann faleceu em 7 de abril de 1914, aos 86 anos de idade, em Dois Irmãos, onde estava residindo. Foi encontrado morto em sua cama, após a missa, em decorrência de infarto fulminante. Tinha 63 anos de vida sacerdotal. Seu sepultamento ocorreu no antigo cemitério católico, que ficava ao lado da Antiga Igreja Matriz (os restos mortais e sepulturas teriam sido transferidos para o Cemitério Católico I de Dois Irmãos), com a presença de sacerdotes, grande número de fiéis católicos e mesmo protestantes. |
| Padre Mathias Pfluger S.J. | Religioso (Jesuíta) | Dezembro de 1873 | Janeiro de 1876 | Após deixar a Paróquia São Miguel de Dois Irmãos, assumiu como vigário (pároco) da Paróquia de São Salvador (Tupandi), entre 1876 e 1905. |
| Padre Guilherme Doerlemann S.J. | Religioso (Jesuíta) | Janeiro de 1876 | Janeiro de 1894 | Foi o padre jesuíta que mais tempo exerceu a função de vigário da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos, em um total de 24 anos. Pe. Guilherme Doerlemann faleceu em 7 de abril de 1914, aos 86 anos de idade, em Dois Irmãos, onde estava residindo. Foi encontrado morto em sua cama, após a missa, em decorrência de infarto fulminante. Tinha 63 anos de vida sacerdotal. Seu sepultamento ocorreu no antigo cemitério católico, que ficava ao lado da Antiga Igreja Matriz (os restos mortais e sepulturas teriam sido transferidos para o Cemitério Católico I de Dois Irmãos), com a presença de sacerdotes, grande número de fiéis católicos e mesmo protestantes. |

| | | | | |
|--------------------------------------|---------------------|-----------------|------------------|--|
| Padre Augusto Lohmann S.J. | Religioso (Jesuíta) | Janeiro de 1894 | Janeiro de 1903 | Nasceu no dia 28 de dezembro de 1833, em Brilon, Alemanha. Em julho de 1869 foi enviado ao Brasil, onde faleceu no dia 11 de agosto de 1905, na cidade de Porto Alegre, aos 71 anos de idade. Seu corpo foi levado de vapor a São Leopoldo, onde foi velado e sepultado. Em 1874 foi nomeado vigário de São Leopoldo e se tornou primeiro reitor do Colégio Conceição, (1874-1878). Entre 1894 e 1903 foi vigário em Dois Irmãos (1894-1902). Assumiu o cargo de Superior da Missão Jesuíta no Rio Grande do Sul, entre dezembro de 1902 e agosto de 1905, quando faleceu. Durante seu período como vigário em Dois Irmãos, foi instalado o Colégio Imaculada Conceição, em 4 de junho de 1900, dirigido pelas Irmãs do Imaculado Coração de Maria. |
| Padre Maximiliano von Lassberg S. J. | Religioso (Jesuíta) | Janeiro de 1903 | Setembro de 1905 | Padre Maximiliano von Lassberg nasceu na Alemanha, em 1857, emigrando como missionário para o Brasil em 1886. Faleceu no ano de 1944. Dentre as funções realizadas, foi vigário (pároco) da Paróquia Santo Antônio, na cidade de Estrela/RS, entre 1º de janeiro de 1910 e (provavelmente) novembro de 1915. Foi um dos líderes da <i>Companhia de Colonização Bauerverein</i> (Associação de Agricultores), responsável pela Colônia de Serro Azul (atual município de Cerro Largo/RS), em 1902, assim como a Colônia de Porto Novo (atual município de Itapiranga/SC), em 1926, em uma iniciativa da <i>Volkerverein</i> (Sociedade União Popular). Tanto a <i>Bauerverein</i> quanto a <i>Volkerverein</i> contaram com amplo apoio e interferência dos |

| | | | | |
|----------------------------------|---------------------|-------------------|-------------------|---|
| | | | | padres jesuítas instalados no Rio Grande do Sul. |
| Padre Jorge Badde S.J. | Religioso (Jesuíta) | Setembro de 1905 | junho de 1911 | Faleceu, em Dois Irmãos, no dia 14 de junho de 1911, aos 51 anos de idade e 28 de vida sacerdotal. Foi sepultado no antigo cemitério católico, que ficava ao lado da Antiga Igreja Matriz (os restos mortais e sepulturas teriam sido transferidos para o Cemitério Católico I de Dois Irmãos). |
| Padre Antônio Bügelmann S.J. | Religioso (Jesuíta) | Agosto de 1911 | Abril de 1918 | Padre Antônio Bügelmann nasceu em Dölmen, na Alemanha, em 12 de agosto de 1860, falecendo em 9 de agosto de 1946, na cidade de Itapiranga/SC, três dias antes de completar 86 anos. Foi vigário (pároco) da Paróquia Santo Inácio, na cidade de Lajeado/RS, entre 25 de junho de 1923 e (provavelmente) dezembro de 1924. |
| Padre Emílio Reichmuth S.J. | Religioso (Jesuíta) | Abril de 1918 | Janeiro de 1922 | Padre Emilio Reichmuth nasceu na Suíça em 1º de janeiro de 1852 e faleceu em São Leopoldo em 7 de junho de 1933. Foi vigário (pároco) da Paróquia Santo Antônio, na cidade de Estrela/RS, entre 22 de dezembro de 1894 e (provavelmente) dezembro de 1909. Entre 18 de fevereiro de 1912 a 7 de abril de 1918 foi vigário (pároco) da Paróquia Santo Inácio, em Lajeado/RS. |
| Padre João Evangelista Hann S.J. | Religioso (Jesuíta) | Janeiro de 1922 | Fevereiro de 1928 | Nasceu em 19 de dezembro de 1868 e faleceu em 30 de maio de 1945. Está sepultado no Cemitério dos Jesuítas em São Leopoldo, no Santuário Sagrado Coração de Jesus. |
| Padre Teodoro Treis S.J. | Religioso (Jesuíta) | Fevereiro de 1928 | Fevereiro de 1929 | Padre Teodoro Treis nasceu em Novo Hamburgo/RS no dia 21 de maio de 1855. Foi vigário (pároco) da Paróquia Santo |

| | | | | |
|------------------------------|---------------------|-----------------------|----------------------|--|
| | | | | Inácio, na cidade de Lajeado/RS, entre 11 de janeiro de 1925 e 28 de janeiro de 1928. Atuou também em Itapiranga/SC, onde inclusive dá seu nome para uma rua. |
| Padre Francisco Murmann S.J. | Religioso (Jesuíta) | Fevereiro de 1929 | Janeiro de 1934 | Nascido em 11 de junho de 1875, faleceu em 2 de dezembro de 1945. Está sepultado no Cemitério dos Jesuítas em São Leopoldo, no Santuário Sagrado Coração de Jesus. Foi vigário (pároco) da Paróquia de São Salvador (Tupandi) entre 1915 e 1927 e, posteriormente, entre 1934 (quando deixou a Paróquia São Miguel de Dois Irmãos) e 1942. Também foi um dos responsáveis pela construção do Seminário Jesuíta de Salvador do Sul/RS, conhecido como Colégio Santo Inácio de Loyola, em funcionamento entre 1937 e o ano de 1990. Coube ao Pe. Murmann a definição do local para construção do seminário. |
| Padre José Becker | Secular (Diocesano) | 21 de janeiro de 1934 | 5 de janeiro de 1935 | Nasceu em 14 de dezembro de 1902, na localidade de Jammerthal, então pertencente ao distrito de Dois Irmãos (atualmente a localidade é dividida entre os municípios de Santa Maria do Herval e Picada Café). Faleceu em 25 de junho de 1982, em Bom Princípio, onde foi pároco por 39 anos, entre 1942 e 1981. Dois de seus irmãos também se tornaram padres: Pe. João Becker, que serviu na cidade de Feliz, e Pe. Theobaldo Becker, que atuou em Tupandi. Foi o primeiro vigário (pároco) secular em Dois Irmãos, entre janeiro de 1934 e janeiro de 1935. Mais tarde foi nomeado como o primeiro vigário da Paróquia Santa Teresa, em Vera Cruz (na época distrito de Santa Cruz do Sul, de |

| | | | | |
|------------------------------|---------------------|----------------------|----------------------|--|
| | | | | onde se emancipou em 1959), tomando posse em 5 de março de 1937. Posteriormente assumiu a Paróquia Nossa Senhora da Purificação, em Bom Princípio. Recebeu os títulos eclesiásticos honoríficos de cônego e monsenhor. |
| Padre José Maria Kroetz | Secular (Diocesano) | 6 de janeiro de 1935 | 5 de janeiro de 1942 | Nasceu em 14 de outubro de 1902 em Santa Maria de Herval, sendo filho de Theodor Kroetz Filho e Maria Kunst. Foi ordenado sacerdote em 30 de novembro de 1928. Faleceu no dia 22 de junho de 1958. Entre 6 de janeiro de 1935 e 5 de janeiro de 1942, atuou como pároco da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos (localidade então pertencente ao município de São Leopoldo). Posteriormente, atuou na comunidade católica de Vera Cruz, então pertencente ao município de Santa Cruz do Sul. Foi pároco de 1942 até 1958, ano de seu falecimento. Seu irmão, Felipe Kroetz (7 de agosto de 1904 – 22 de abril de 1979), também foi padre, vinculado com a Companhia de Jesus – Jesuítas, atuando como vigário (pároco) da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, entre 1939 e 1943. Posteriormente, trabalhou em Santa Catarina (em municípios como Itapiranga, Tunápolis e Iporã do Oeste). Atuou ainda em Caibaté/RS. |
| Padre Valentim Weschenfelder | Secular (Diocesano) | 6 de janeiro de 1942 | Dezembro de 1974 | Assumiu como pároco em 6 de janeiro de 1942, exercendo essa função por quase 33 anos, deixando o cargo no final de 1974. Faleceu em 20 de fevereiro de 1978. Está sepultado no Cemitério Católico de Dois Irmãos. |

| | | | | |
|---------------------------------|---------------------|----------------------|---------------------|--|
| Padre José Günther Büttendender | Secular (Diocesano) | 6 de janeiro de 1975 | 12 de junho de 1976 | Padre José Günther Büttendender, nasceu no dia 9 de dezembro de 1934 e foi ordenado sacerdote no dia 6 de julho de 1963. Faleceu no dia 30 de abril de 2019. Assumiu a Paróquia São Miguel de Dois Irmãos no dia 6 de janeiro de 1975, permanecendo no cargo até 12 de junho de 1976. No seu período, foi celebrada a Primeira Missa na Igreja Matriz nova, em 23 de março de 1975, mesmo com as obras não concluídas. |
| Padre Benno Deimling | Secular (Diocesano) | 19 de junho de 1976 | Fevereiro de 1980 | Tomou posse no dia 19 de junho de 1976, permanecendo até fevereiro de 1980. Foi ordenado presbítero em 19 de novembro de 1948, no Seminário Central, em São Leopoldo. Nasceu em 5 de maio de 1923, falecendo em 28 de maio de 1995. |

Em um resumo geral, a região abrangida pela paróquia – desde sua fundação até meados da década de 1990 – compreendia as localidades de Picada São Paulo, Walachai, Morro Reuter⁶, Teewald (Santa Maria do Herval), Morro dos Bugres, Padre Eterno, Picada Verão, Joaneta e Linha Café. Entre 1849 e 1934, a Comunidade São Miguel de Dois Irmãos foi atendida por padres da Companhia de Jesus, os jesuítas. A partir daquele ano, a condução paroquial ficou sob responsabilidade de padres seculares, primeiramente da Arquidiocese de Porto Alegre e, desde 1980, da Diocese de Novo Hamburgo. Além dos templos, as comunidades constituíram também escolas, visando atender crianças e jovens das famílias destas localidades. A manutenção dos educandários e remuneração de seus professores, geralmente, era feita pela própria comunidade. Posteriormente, algumas destas passaram a receber subvenção do poder público. Não obstante, as subvenções eram contrapartida para o cumprimento de algumas determinações governamentais. E estas determinações também ocasionavam discordâncias e conflitos. Retomaremos essas questões mais adiante, no capítulo 3, sobre o cotidiano religioso.

⁶As comunidades católicas de Morro Reuter (abrangendo, entre outras, as localidades de Picada São Paulo e Walachai) pertenceram até o ano de 1993 à Paróquia São Miguel de Dois Irmãos. Naquele ano, foi criada e instalada a Paróquia Imaculada Conceição, cuja delimitação geográfica abrange todo o território morro-reutense, emancipado política e administrativamente do município de Dois Irmãos em 1992.

Outra questão, no mínimo interessante do ambiente social de Dois Irmãos durante parte do século XIX é a presença de negros escravizados, sendo estes de propriedade de imigrantes – elemento histórico que, não raramente, é “deixado de lado” quando se aborda a história da região. Em 1849, ano da chegada do Pe. Agostinho Lepisnki, S.J., conforme Moehlecke (1987, p. 101), havia um total de 11 escravos em Dois Irmãos, em uma população de 755 pessoas. No ano seguinte, esse número sobe para 19. O maior proprietário de escravos em Dois Irmãos foi Jacob Blauth, com 10. Blauth, evangélico-luterano, foi responsável pela construção da Ponte de Pedra sobre o Arroio Feitoria – edificação esta ainda existente. Pe. Guilherme Doerlemann, S.J., em uma de suas cartas, afirma que os colonos católicos não possuíam escravos, que essa prática era adotada apenas pelos protestantes (SPOHR, 2016, p 74).

E ao falarmos da comunidade que ali se formou – e vai se transformando continuamente –, é inevitável que se recaia sobre um marco geográfico e simbólico vital para a história de Dois Irmãos, cuja figura marca a paisagem do Vale do Rio dos Sinos: o *Morro Dois Irmãos*. A estrutura e distribuição dos lotes tinha no morro um ponto de referência, que também o era para os diferentes pontos da antiga Colônia Alemã do qual podia ser visto. A ocupação e crescimento colonial e, posteriormente, da cidade, foi transformando a paisagem e as características do morro, onde a vegetação nativa se tornou mais restrita apenas no topo das duas elevações que formam o Dois Irmãos.

Mesmo que não seja perceptível, em muitas vezes, pela própria comunidade local, a presença de elementos naturais, como o Morro Dois Irmãos, ou edificados pela ação humana, como a Antiga Igreja Matriz de São Miguel, representam marcos importantes na paisagem, tanto ambiental quanto sociocultural e identitária. Neste sentido, podemos fazer um exercício imaginativo: como seria pensar em Dois Irmãos sem a presença do morro ou da Antiga Matriz?

Ainda sobre esse importante aspecto, o arquiteto Jorge Stocker Jr. é assertivo ao propor que

[...] a presença marcante do morro Dois Irmãos territorializa todos os panoramas apresentados, situando a instituição na paisagem do Heimat através de um processo de artealização in visu (ROGER, 2013, p. 23), seja nos projetos arquitetônicos, na publicidade ou nos postais. Da mesma forma, as igrejas e as escolas confessionais se expressam na paisagem como elementos difusores não apenas da fé, mas também dos ideais de germanidade. A articulação destas construções institucionais e religiosas com a paisagem adquiria um viés pedagógico que reforçava a vinculação de uma comunidade étnica com o seu território (STOCKER JR, 2019, p. 103).

O pastor Helmut Culmann, alemão de nascimento, que atual na Comunidade Evangélica de Campo Bom entre 1926 e 1931, costumava fazer frequentes incursões ao morro, sozinho ou

acompanhado de estudantes. Antes de retornar para a Alemanha, deixou, entre outros escritos, o seguinte relato:

O morro é como um símbolo do trabalho e mão-de-obra dos alemães no meio das velhas colônias. Longe, muito longe, na linda terra do Reno, de onde nossos antepassados vieram, está o Königsberg. Aqui, em Dois Irmãos, onde nós agora estamos sentados, eles acreditavam tê-lo reencontrado e, em real lembrança, deram-lhe o nome de Ihe o nome de Königsberg. Como tal ele permaneceu na boca do povo (CULMANN, 1931, p. 79).

Assim como a Antiga Igreja Matriz de São Miguel representa um marco importante na história e na paisagem de Dois Irmãos – e podemos dizer, da própria região –, o morro que dá nome ao município, mesmo com tantas interferências da ação humana, representa um referencial que se ostenta nessa paisagem cultural. Ou, podemos dizer que ali reina – aludindo ao antigo nome em alemão dado ao morro: *Königsberg*, o *Morro do Rei*.

Capítulo 2

DA CAPELA A IGREJA

A maior parte dos colonos que se instalaram na Picada de Dois Irmãos era de confissão religiosa católica. Mas também se alojaram evangélico-luteranos.⁷ Tanto que as primeiras igrejas construídas na localidade tem data de inauguração próximas: a capela católica em 30 de novembro de 1832, enquanto o templo protestante foi inaugurado em 29 de setembro de 1834. Em 1837 é assinado um contrato de doação entre a comunidade católica e o colono Peter Schuck, onde este doa um terreno, ao lado da capela, para ser usado como cemitério. Este local foi utilizado para sepultamentos por mais de cem anos, até meados da década de 1940.

A primeira capela católica construída em Dois Irmãos era feita de madeira, conforme registro histórico que se encontra no livro *História das Casas: Paróquia São Miguel – Dois Irmãos*, de autoria do Pe. Inácio Spohr, S.J., mas também é reproduzida em uma *pedra comemorativa*, que pode ser vista na parte externa da nova Igreja Matriz São Miguel. Este templo atendeu a comunidade por quase 38 anos, quando foi substituída por uma nova igreja, desta vez feita de alvenaria.

Em fevereiro de 1868, o vigário (como eram chamados os párocos na época) de Dois Irmãos, Pe. Guilherme Doerlemann, S.J., iniciou a campanha de arrecadação de verbas para iniciar a construção da nova Igreja Matriz. Contudo, os registros documentais arrolados por Moehlecke junto ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul indicam que, já em meados da década de 1840, havia a intenção de se construir um novo templo para a Capela de São Miguel de Dois Irmãos.

Conforme relatório do coronel João Daniel Hilebrand, diretor da Colônia Alemã de São Leopoldo – o protestante mencionado na carta do Pe. Lipinski, S.J., que havia acompanhado a pregação dos missionários jesuítas espanhóis em São Leopoldo alguns anos antes –, endereçada ao presidente da Província, Manuel Antônio Galvão, em Dois Irmãos o número de católicos era

⁷ Aqui estamos nos referindo aos membros do Sínodo Rio-grandense, fundado em São Leopoldo no ano de 1886. Este formaria, ao se unir com outros Sínodos, a Federação Sinodal, em 1949, e por fim, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em 1968. Essa nomenclatura, proposta por Isabel Cristina Arendt em sua Tese de Doutorado, visa não causar confusão de identificação com os protestantes do Sínodo de Missouri, que originou, em 1980, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Para maiores informações, ver: ARENDT, Isabel Cristina. **Educação, Religião e Identidade Étnica**: o Allgemeine Lehrerezeitung e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2008.

de 364 pessoas, enquanto evangélico-luteranos eram de 391. O Livro de Atas da Câmara de Vereadores de São Leopoldo⁸, contém o seguinte registro, da sessão de 10 de janeiro de 1848:

Leu-se um ofício do Brigadeiro Inspetor de Obras Provinciais de 20 de dezembro de 1847, fazendo ver que pelo parágrafo sexto de artigo 1º da Lei Provincial n. 120 de 3 de março de 1847, foi consignada a quantia de hum conto de réis para a conclusão da Igreja de São Miguel na Picada dos Dois Irmãos.

Maiores detalhes sobre possíveis obras realizadas naquele momento não foram encontradas, mas ofício datado de 28 de junho de 1858, quase 10 anos depois, indica que podem ter ocorrido problemas na administração do dinheiro subsidiado pelos cofres provinciais – até mesmo desvio ou uso indevido de verbas. Conforme o documento:

Os abaixo assinados Jacob Streit, João Mombach, Mathias Massing e Lorenz Gallas, membros da comissão encarregada das obras da Capela de São Miguel de Dois Irmãos, recebendo há poucos dias um ofício de V. Excia. com data de 3 de maio último, em que ordena-lhes a prestação de contas provenientes de 300\$000 rs. recebidos da Contadoria Provincial para aplicarem-se nas obras da referida Capela, vêm respeitosamente responderem a V. Excia. que a atual comissão organizada para funcionar por um triênio, que principiou em 1º de janeiro de 1856, não recebeu dos Cofres Provinciais quantia alguma para essa Capela, mas talvez a comissão que lhe precedeu, que compunha-se por Miguel Marmitt, João Buckmann, Jacob Kolling e Daniel Gallas. Picada dos Dois Irmãos, 28 de junho de 1858. Os encarregados da comissão: Jacob Streit, João Mombach, Mathias Massing e Lorenz Gallas.

Após verificação, foi constatado que o valor citado foi entregue diretamente ao Pe. Agostinho Lipinski, S.J., em duas parcelas: a primeira, de 200\$000 rs. para conclusão das obras da Capela e os demais 100\$000 rs. para a construção de um púlpito. Contudo, o Contador Provincial, João Capistrano de Miranda e Castro, informou que recebeu documentos do “referido padre em alemão, sendo devolvidas para serem substituídas por outra em linguagem nacional” (MOEHLECKE, 1987, p. 97). E que, até a data de 30 de junho de 1858, estes documentos não haviam sido reenviados pelo Pe. Lipinski, S.J.

Em setembro de 1858, foi a vez do Vigário de Dois Irmãos encaminhar correspondência ao presidente da Província:

Para dar cumprimento ao ofício de V. Excia. datado de 15 de julho de 1858 recebido por mim no fim de agosto, tenho a honra de submeter a V. Excia. a seguinte resposta: quando o Exmo. Sr. Sinimbu⁹ dignou-se a visitar a muito pobre Igreja de São Miguel,

⁸ Documento salvaguardado no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

⁹ Referência ao ex-presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu, Visconde de Sinimbu, que governou entre 1852 e 1858. Também foi presidente do Conselho de Ministros (Primeiro-Ministro) do Império do Brasil entre 1878 e 1880.

reparando que não foi forrada, faltando também um púlpito para anunciar a Palavra de Deus, assinou o dito Senhor a quantia de 300\$000 rs. para forrar a igreja e arranjar um púlpito. Dita quantia por mim recebida foi também publicamente perante o povo dada para esse fim ao colono Miguel Marmitt, empregado nesse tempo para a fábrica desta igreja. Dito colono comprou as tábuas, mandou forrar a igreja e fazer um púlpito, e tudo debaixo de minha inspeção exatamente foi executado, que ainda faltou dinheiro e assim os colonos de São Miguel por voluntárias esmolas e ofertas ajudaram a acabar a obra da dita Igreja. Tudo isso é certo e público e o Alto Governo mandando fazer uma indagação minuciosa pode ter a certeza. Também posso assegurar e provar que o empregado apresentou uma conta especificada sobre as despesas junto com as quantias. Deus guarde Vossa Excelência. S. Miguel, 17 de setembro de 1858. Agostinho Lipinski, Vigário.

Comparando as informações existentes nesta documentação com os dados contidos no livro *História das Casas: Paróquia São Miguel – Dois Irmãos*, não foram encontrados maiores detalhes do desenrolar desta questão, nem mesmo foi possível comprovar se a aludida reforma, destacada pelo Pe. Lipinski, S.J., foi de fato realizada na antiga capela de madeira. O que pode ser comprovado é que, somente 10 anos depois deste episódio, de fato teve início o trabalho para edificação de uma nova Igreja Matriz para a Paróquia São Miguel de Dois Irmãos.

Com foi mencionado anteriormente, em fevereiro de 1868, Pe. Guilherme Doerlemann, S.J, substituto do Pe. Agostinho Lipinski, S.J. no pastoreio católico de Dois Irmãos, iniciou a arrecadação de fundos para o projeto da nova igreja. Quatro meses depois de iniciada a campanha, a obra recebeu como responsável o construtor Peter Schnorr. Além deste, Peter Kronbauer ficou encarregado do transporte das pedras necessárias e Josef Zoll assumiu a tarefa de edificação do telhado. Como forma de contribuir para a coleta financeira da obra, foi fundada em 3 de maio de 1868 a “*Verein fuer den neubau der Pfarrkirche St. Michael in der Baumplade unter dem Schutze des Hl. Josephs*”, cuja tradução aproximada é “Associação para a construção da Nova Igreja Paroquial São Miguel da Picada Baum sob a proteção de São José”.

O projeto do novo templo foi inspirado na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, de São Leopoldo. Semelhante ao que ocorreu em Dois Irmãos, a primeira capela de São Leopoldo também era feita de madeira. Sua demolição ocorreu logo após o fim da Guerra Civil Farroupilha, em 1845. No mesmo local foi construído o novo templo, inaugurado em 1859. Em maio de 1865, foi reformada, dando lugar ao prédio atual, que é a primeira obra de Johann Grünwald (1832-1910), arquiteto alemão radicado no Brasil, conhecido como *Mestre João*. A Matriz Nossa Senhora da Conceição é a primeira do Rio Grande do Sul a seguir a tipologia Neogótica.

É possível também que as definições arquitetônicas sobre a Matriz São Miguel de Dois Irmãos tenham recebido a influência do Pe. Francisco Xavier Schleipen, S.J., que chegou ao Rio Grande do Sul no ano de 1868. Atuou em diversas paróquias e teve papel importante na

construção das igrejas matrizes de Bom Princípio (Nossa Senhora da Purificação) e Estrela (Santo Antônio). Nos primeiros meses após sua chegada, Pe. Schleipen, S.J. atuou em São José do Hortêncio, sendo depois transferido para a Paróquia de São Pedro do Bom Jardim (atual Ivoti), assumindo como seu primeiro vigário em fevereiro de 1869.

Durante os primeiros tempos da construção, um detalhe chama a atenção: apenas a parte do coro e da nave foi executada, sendo esta unida com a metade do templo de madeira. A demolição da antiga capela de madeira, por completo, ocorreu em novembro de 1870. A segunda parte do templo de alvenaria foi edificada entre 1872 e 1874, desta vez tendo Peter Rüwer como construtor e Karl Loeblein pela conclusão do telhado.

A bênção solene da pedra fundamental da nova Igreja Matriz ocorreu em 6 de fevereiro de 1869, com a presença do Bispo Diocesano, Dom Sebastião Dias Laranjeira. A primeira fase da construção do templo ocorreu entre 1868 e 1874. Além da construção propriamente dita, nesse contexto também foram adquiridas as imagens (estátuas) da Virgem Maria (1870), de São Miguel Arcanjo e São José (1872), sendo estas recebidas em 15 de junho de 1872, vindas de München, na Alemanha, Sendo fabricadas pela firma Mayer. A construção dos altares laterais, dedicados à Virgem Maria e à São José foi incumbida ao irmão jesuíta João Egloff. O primeiro data de 1873 e o segundo foi erigido em 1876. Ir. Egloff também foi responsável pelo corredor de pedra grês (1874) e pela confecção do teto forrado, isso já em 1879, na segunda fase de construção da igreja, ocorrida entre 1877 e 1880. A torre foi erguida por Jacob Schmitt, recebendo a cruz no dia 24 de maio de 1877.

Finalmente, em 25 de abril de 1880, após 12 anos de construção, foi celebrada a Missa Solene por Dom Sebastião Dias Laranjeira, com a bênção da nova Igreja Matriz. O Pe. Guilherme Doerlemann, S.J., mencionou em um de seus escritos que “aqui as igrejas não costumam ser consagradas por conta das frequentes profanações nas eleições públicas que, infelizmente, por lei, devem ser feitas nas igrejas paroquiais” (SPOHR, 2016, p. 71). De fato, por conta da união entre Igreja e Estado que perdurou durante todo o Império (1822 – 1889), as igrejas também eram locais de atividades civis e políticas. Mesmo após a instalação da República, a partir de 15 de novembro de 1889 e a separação constitucional (1891) entre o Estado Brasileiro e a Igreja Católica, as dependências paroquiais continuaram sendo utilizadas como sessões eleitorais – e com a marca constante de fraudes, imposição de candidatos e violência.

Sobre a Solenidade de Bênção da Igreja Matriz de São Miguel de Dois Irmãos, um dos registros nos informa que

[...] com o estrondo dos morteiros e espoucar de foguetes, repicando ao mesmo tempo os sinos e tocando-se instrumentos musicais, quase 3.000 pessoas entoaram o “Te deum laudamus” – “Grosser Got wir loben Dich”, e conduziram o Bispo à Igreja – festivamente ornada. Ajuntou-se uma incrível multidão, de católicos e evangélicos – protestantes. O Sr. Bispo celebrou a missa solene, assistindo-o os outros sete sacerdotes. (...) Quase de todas as colônias, mesmo das mais distantes, tinha comparecido fiéis para esta festividade, de tal modo, que poderia afirmar-se que esses festejos solenes demonstraram uma edificação geral (SPOHR, 2016, p. 70).

A Solenidade de Benção presidida por D. Sebastião Dias Laranjeira não representou o término das modificações no templo, tanto em sua estrutura física quanto na ornamentação litúrgica – com o acréscimo de novas imagens ao longo das décadas seguintes. Em 1882, foi concluída a colocação de para-raios no telhado da igreja. Em 25 de março de 1889, foi doada por um grupo de mães vinculadas ao Apostolado das Senhoras uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, enquanto os rapazes e moças da Congregação Mariana doaram a imagem de São Luiz Gonzaga, considerado como “Padroeiro da Juventude Católica”. As duas estátuas foram fabricadas na Firma Mayer, sediada em München, Alemanha. Neste mesmo ano o Ir. João Egloff, S.J., realizou a construção e a pintura do Altar Principal (Altar-Mor), cuja Benção Solene ocorreu em 25 de março de 1890. Também foi construída uma nova e mais ampla sacristia, localizada atrás do Presbitério, com acesso pelas laterais do Altar Principal.

A imagem do Anjo da Guarda (juntamente com a do Bom Pastor) foi uma doação dos paroquianos de Dois Irmãos no dia 19 de novembro de 1911, em homenagem ao antigo vigário, Pe. Guilherme Doerlemann, sendo alocadas na Antiga Matriz a pedido do referido sacerdote. Alguns anos mais tarde, em 1922, vieram os vitrais com as imagens dos Arcanjos São Gabriel e São Rafael, que foram colocadas nas laterais do Altar Principal. Assim como outras imagens, esses vitrais também foram produzidos pela Firma Mayer em München, Alemanha. No ano seguinte, a Pia Batismal, feita de pedra, foi doada pelos cinco filhos casados do casal Pedro Boll e Catharina Wolf. Mais tarde, o mesmo Pedro Boll, juntamente com Pedro Stoffel e Frederico Becker, doaram as imagens de São Pedro e São Paulo, em janeiro de 1925. Ainda em 1923, Carlos Hennemann fez a doação de mais alguns vitrais para a Igreja Matriz.

Em 1921, se iniciou o sepultamento em novo cemitério, localizado nas proximidades da Antiga Matriz. A Benção Solene deste novo local ocorreu em 2 de novembro daquele ano. O processo de traslado de restos mortais e de desativação do antigo cemitério foi concluído apenas em 1948. Algumas famílias eram contrárias à desativação do cemitério, tanto que o arcebispo metropolitano de Porto Alegre, Dom João Becker, chegou a afirmar que o local “estava condenado”, para que as transferências pudessem ser agilizadas. Além de colonos

católicos, quatro padres jesuítas foram ali sepultados: Guilherme Dörlemann, João Badde e os auxiliares Carlos Strobel e José Stüer.

Entre 1948 e 1950 foram registrados os ajustes finais na Igreja Matriz, quando esta recebeu os últimos adornos externos, assim como houve a troca das telhas de cimento por um telhado de zinco.

Capítulo 3

O COTIDIANO RELIGIOSO

Abordar o cotidiano religioso da comunidade católica da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos, especialmente no período em que a Antiga Igreja Matriz era utilizada como templo, não é uma tarefa fácil. Aqui faremos uma síntese ou resumo, com base em informações coletadas em registros documentais, imprensa e relatos de membros da comunidade.

Além das atividades religiosas principais, como a realização de missas, confissões, batizados e casamentos, a Antiga Matriz também foi palco de atividades sociais, educacionais e políticas. Os festejos do padroeiro, São Miguel Arcanjo, marcados pela realização do *Kerb*, eram citados com grande destaque na imprensa local, como pode ser visto nas reportagens que retiradas do jornal *Correio de São Leopoldo*, datadas dos anos de 1932, 1936 e 1942 (sendo que neste último ano já estávamos sobre as regras do Estado Novo e com restrições sobre imigrantes e descendentes, além das consequências da Segunda Grande Guerra Mundial, que iniciou em 1939 e perdurou até o ano de 1945).

Também deve ser dado espaço para lembrar da presença marcante de movimentos como a Congregação Mariana (feminina e masculina), cuja presença na paróquia iniciou em 1877, se estendendo até a década de 1960, aproximadamente. Na Paróquia São Miguel de Dois Irmãos, a Congregação Mariana das Moças foi fundada em 29 de julho de 1877, pelo vigário Pe. Guilherme Doerlemann, S.J. A origem deste movimento retoma há três anos antes, quando o então vigário, Pe. Mathias Pfluger, S.J. fundou uma “Jungfrauerverein” (União de Moças). O primeiro assessor da Congregação Mariana das Moças foi o Pe. Carlos Strobel, coadjutor em Dois Irmãos. Pe. Doerlemann, S.J. também foi fundador da Congregação Mariana dos Moços, em 25 de março de 1881. Tanto rapazes quanto as moças utilizavam uma medalha com uma fita azul, símbolos da Congregação Mariana.

O jornal *Correio de São Leopoldo* registrou uma atividade realizada pela Congregação Mariana (grupo dos moços) no dia 21 de julho de 1932, onde também ocorreu uma homenagem ao vigário de Dois Irmãos, Pe. Francisco Murmann, S.J. e menção às moças que auxiliaram nesta homenagem.¹⁰ Também merece destaque a fundação e existência, até os dias de hoje, do Apostolado da Oração, cuja fundação data de 21 de junho de 1868, quando já era vigário o Pe.

¹⁰ *Correio de São Leopoldo*, n. 20, ano I, 17/08/1932, p. 3. (Museu Histórico Visconde de São Leopoldo).

Guilherme Doerlemann, S.J. São conhecidos pelo uso de medalhas com fitas na cor vermelha. Durante muito tempo, houve uma divisão no movimento, com a existência de grupos masculinos e femininos, diferentemente do que ocorre hoje.

Podem ser lembradas as primeiras missas realizadas por sacerdotes nascidos em Dois Irmãos ou localidades vizinhas, como ocorreu com os padres Cláudio Wiest e Urbano Rausch, S.J. Natural de Morro Reuter, a primeira missa do Pe. Claudio Wiest foi realizada na Igreja Matriz em 8 de dezembro de 1938. Um dos sermões foi realizado pelo Pe. Reinaldo Wiest – que atuou nas cidades de Piratini e Pelotas, mais precisamente na Colônia Maciel, onde está sepultado, sendo considerado, inclusive, um “santo popular” –, irmão do Pe. Claudio. A música durante a missa foi executada pelo coral regido pelo professor Paulo Arandt. Houve nova missa festiva na Comunidade Católica de Morro Reuter, no dia 10 de dezembro, sendo a música executada pelo coral regido pelo professor Carlos Alfredo Wiest, irmão dos padres Reinaldo e Claudio.¹¹ Teresa Wiest, irmã dos padres e do professor, ingressou na vida religiosa, sendo acolhida na Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, que desde 1900 atuavam em Dois Irmãos, sendo responsáveis pelo Colégio Imaculada Conceição, ainda em funcionamento.

Duas reportagens do Correio de São Leopoldo destacam o Pe. Urbano Rausch, S.J.: a primeira, de 25 de dezembro de 1943, noticiando a primeira missa celebrada pelo recém ordenado presbítero, na Matriz de São Miguel, em 19 de dezembro daquele ano.¹² A notícia estava na primeira página do periódico. A segunda reportagem, de 15 de julho de 1944, também como manchete de primeira página, destacava a nomeação de Pe. Urbano, S.J. para acompanhar, como capelão, os soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a participação desta nos conflitos da Segunda Guerra em território europeu.¹³ O título da reportagem era “*Um Sacerdote-Soldado*”.

Para além dos momentos de fé, de solenidades e festividades, o cotidiano religioso que abarcou a Antiga Matriz também contou com períodos de dificuldades e conflitos. Exemplo disso ocorreu nas décadas de 1930 e 1940, no contexto do Estado Novo, onde os vigários locais entraram em atrito com autoridades políticas de São Leopoldo, por conta da intervenção nas escolas católicas da paróquia, caso este registrado em documentos e na imprensa. Por conta disso, iremos fazer uso de algumas páginas para compreender melhor estes acontecimentos.

¹¹ *Correio de São Leopoldo*, n. 330, ano VI, 21/01/1939, p. 3. (Museu Histórico Visconde de São Leopoldo).

¹² *Correio de São Leopoldo*, n. 581, ano XI, 25/12/1943, p. 1. (Museu Histórico Visconde de São Leopoldo).

¹³ *Correio de São Leopoldo*, n. 610, ano XII, 15/07/1944, p. 1. (Museu Histórico Visconde de São Leopoldo).

Importante ressaltar que a questão do ensino “andou sempre de mãos dadas” com as atividades religiosas. Tanto católicos quanto protestantes, junto com suas igrejas, se preocuparam com a criação de escolas ou com a presença de professores que instruísem as crianças. Deste modo, falar do cotidiano religioso da Comunidade Católica de Dois Irmãos também é trazer elementos históricos sobre o ambiente educacional desta localidade.

Diversas pequenas escolas comunitárias ou particulares foram abertas no território da Paróquia de Dois Irmãos desde meados do século XIX. Algumas com vinculação direta com a Paróquia, outras mantidas por professores católicos. Além daquelas de origem protestante. Por solicitação do Pe. Augusto Lohmann, S.J., que substituiu o Pe. Doerlemann, S.J. na administração da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos a partir de 1894, religiosas da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria se estabeleceram na comunidade. Logo abriram uma escola, sob denominação de Imaculada Conceição, com as atividades iniciando em 4 de junho de 1900, com 40 alunas matriculadas.

Como relatado anteriormente, os padres jesuítas estiveram no comando da Comunidade Católica de Dois Irmãos entre 1849 e 1934. O último padre jesuíta a atender como vigário (pároco) foi Francisco Murmann, S.J. Nove meses antes de deixar o exercício da condução eclesiástica daquela paróquia, Pe. Murmann, S.J. se envolveu em uma questão política envolvendo uma das escolas paroquiais de sua circunscrição: o educandário da Picada São Paulo.

Um documento datado de 19 de abril de 1933, destinado ao prefeito leopoldense Theodomiro Porto da Fonseca¹⁴, relatava um problema envolvendo a escola católica e um aluno de confissão evangélico-luterana. Diante da situação, o pároco buscava em Theodomiro uma solução definitiva para aquela contenda. Por se tratar de uma questão religiosa, teoricamente não caberia ao governo municipal mediar o debate e solucionar o caso. Mas a situação envolveu o Poder Público quando, de acordo com o presbítero católico, o representante da municipalidade em Dois Irmãos argumentou que o aluno protestante deveria obrigatoriamente ser aceito, tendo em vista que havia uma subvenção financeira repassada pela prefeitura à escola. Conforme relatou o sacerdote,

[...] o senhor Weiler, professor da escola particular católica daquele lugar, que aliás aceita também alunos de religião protestante, como de fato faz bem, há duas semanas refutou por graves razões e de comum acordo com toda a comunidade escolar, a admissão de um menino de certo homem protestante. Quando então este homem não

¹⁴Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), Coleção Carlos de Souza Moraes, Pasta 90, Correspondência ao prefeito de São Leopoldo, coronel Theodomiro Porto da Fonseca (1933).

alcançara nada por palavras atrevidas que dirigiu aquele professor, foi ter com o subprefeito de Dois Irmãos, que lhe deu a resposta que o professor, por causa da subvenção municipal que recebe, seria obrigado a admitir o menino.¹⁵

O docente mencionado trata-se de Francisco Weiler, que além de sua atuação na escola paroquial de Picada São Paulo, se destacou como importante liderança católica leiga daquela região colonial. Exerceu o magistério até seu falecimento, em 1945. O outro personagem citado na correspondência, embora não nomeado, era o leopoldense Carlos Theobaldo Sperb¹⁶, subprefeito de Dois Irmãos nas décadas de 1930 e 1940, conforme dados encontrados em nossas pesquisas.¹⁷ Oriundo de tradicional família de São Leopoldo, seu pai, Jorge Francisco Eneas Sperb¹⁸ foi comerciante e, em 1898, abriu um hotel no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, na praia de Tramandaí¹⁹: o Hotel Sperb. Carlos Theobaldo Sperb, a partir dos anos 1940, passou a dirigir o empreendimento, até 1973, quando faleceu. Ainda foi proprietário, também no balneário de Tramandaí, do Cinema Caiçara, inaugurado em 1948. Foi possível averiguar que a família Sperb era de confissão religiosa evangélico-luterana. Deste modo, a ação adotada pelo subprefeito Sperb visava auxiliar alguém que partilhava de sua religião.

Embora, no decorrer do documento, Pe. Francisco Murmann, S.J. argumente que Sperb tenha lhe dito que tomara tal atitude para amenizar os ânimos, esta medida provocou desagrado por parte do clérigo e da comunidade local. Segundo ele, “me parece que, pelo contrário, harmonizar as custas dos direitos de um dos partidos destrói por completo a harmonia”. Deixava claro que não julgava adequado que, por conta de uma imposição política, a escola confessional tivesse que aceitar alunos acatólicos – e, sobretudo, pessoas vistas com desconfiança pela comunidade. Não foi possível verificar quem era o homem evangélico-luterano citado como causador da discórdia, mas a leitura deixa transparecer que sua relação com os católicos de Picada São Paulo não era das mais cordiais.

Os conflitos decorrentes do aceite ou recusa de alunos de outras confissões por parte de educandários religiosos era comum na região. Hilmar Kannenberg, em uma obra comemorativa alusiva ao centenário da escola Fundação Evangélica, de Novo Hamburgo, destaca um fato

¹⁵ Adaptamos o texto original para as normas atuais de escrita.

¹⁶ No município de Morro Reuter há uma rua denominada com seu nome.

¹⁷ Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), Fundo Prefeitura Municipal de São Leopoldo, Correspondências emitidas e recebidas (décadas de 1930 e 1940).

¹⁸ Existem atualmente em Tramandaí uma rua e uma escola municipal que levam seu nome, em forma de reconhecimento pelo papel exercido no desenvolvimento da localidade.

¹⁹ Naquele momento Tramandaí era um balneário e distrito pertencente ao município de Osório, de quem se emancipou em 1965.

ocorrido em 1916, registrado em uma das atas de reunião da diretoria desta instituição.²⁰ Segundo ele, “a diretora Frieda Pechmann, surpreende a todos com a informação que cinco das 59 alunas são católicas e que seus pais exigem que a escola acompanhe-as a sua respectiva igreja, que não participem das meditações e das aulas de ensino cristão” (KANNENBERG, 1987, p. 76). Ainda, conforme registrado no documento transcrito, é argumentado que esta exigência não é respeitada por escolas católicas em relação a suas alunas evangélicas, citando os colégios Santa Catarina, de Hamburgo Velho, e São José, em São Leopoldo, como exemplos disso. Frieda Pechmann assevera: “nas escolas católicas, os alunos evangélicos são obrigados a participar dos cultos católicos; as crianças evangélicas não são levadas à igreja evangélica para os cultos. Por isso, não nos sentimos na obrigação de levar as alunas católicas à missa”.

De todo modo, os atritos entre católicos e protestantes, especialmente os evangélico-luteranos, envolvendo o ambiente educacional na região de São Leopoldo e do Vale do Rio dos Sinos, persistiram ao menos até o final do período do Estado Novo, em 1945. Segundo o historiador Sandro Blume²¹, quando o professor Francisco Weiler²² faleceu, em 1945, todos os alunos da escola local foram levados ao velório e tiveram que participar da missa de corpo presente, mesmo aqueles que não eram católicos. Além disso, estes alunos tinham que participar compulsoriamente das atividades católicas, quando ocorridas em horário de aula.

E como podemos ver, dezessete anos depois do caso de Novo Hamburgo, nova polêmica se instalara em um local de ensino, confrontando as duas denominações religiosas. Com o diferencial que, desta vez, as autoridades políticas foram envolvidas mais diretamente. Almejando conseguir o apoio definitivo do prefeito leopoldense para sua causa, o pároco utilizou de argumentos mais densos, apelando para aspectos legais relacionados com a subvenção municipal e as condições que ela determina para sua execução:

[...] trata-se de uma escola particular católica que é construída e mantida por uma comunidade escolar, cujos sócios também pagam o salário do professor. Portanto, esta comunidade é livre na admissão de alunos. Se que admitir alunos protestantes pode fazê-lo, mas pode também recusa-los. A subvenção mensal, que o professor recebe do município, não altera esta condição. Pois todos os professores e todas as comunidades escolares aceitaram-na supondo que tal subvenção tem o único destino de estimular o ensino da Língua Portuguesa e que, em consequência disto, não impõem outra condição senão o ônus de admitir a fiscalização deste ensino do Português pela

²⁰Não foi possível acesso ao documento original.

²¹ O depoimento foi dado por uma ex-aluna da escola de Picada São Paula, que lá estudara quando ocorreu o falecimento de Weiler.

²²Atualmente, a escola municipal existente em Picada São Paulo, localizada às margens da BR 116, é denominada Professor Francisco Weiler.

autoridade competente. Seria de fato, inaceitável, uma subvenção que impusesse mais condições.²³

Ao reforçar que o auxílio financeiro preconizava apenas a obrigatoriedade do ensino de Língua Portuguesa, tentou desqualificar o argumento dado pelo subprefeito Carlos Theobaldo Sperb ao outro envolvido na questão. Deste modo, visava legitimar o direito das escolas católicas em recusarem alunos de outras confissões e, ao mesmo tempo, determinar que os alunos acatólicos aceitos cumprissem, sem exceção, as regras religiosas destas instituições. Entretanto, adotando de uma estratégia política, evitou se indispor com a autoridade do subprefeito de Dois Irmãos – embora refutando seu argumento de que o aceite de alunos protestantes era previsto e condicionado pela subvenção da prefeitura. Para tanto, ao encerrar sua missiva, o padre Francisco Murmann, S.J., deixa como última frase, antes dos cumprimentos: “é certo que a autoridade do senhor subprefeito não há de sofrer nada por tal decisão”.

Não foi possível verificar os desdobramentos pormenorizados deste caso, especialmente se o aluno evangélico-luterano foi aceito ou não pela escola católica. Mas, deste ocorrido, é plausível que o conflito tenha contribuído para a substituição dos padres jesuítas pelo clero secular – ou diocesano – pouco tempo depois.²⁴ Em 21 de janeiro de 1934 assumiu no comando da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos o jovem sacerdote José Becker, natural daquela região: nascera ao norte do Distrito de Dois Irmãos, na localidade de Jammerthal, entre Linha Café e Santa Maria do Herval. Contudo, ficou menos de um ano à testa da comunidade, sendo substituído em 06 de janeiro de 1935. Posteriormente, foi nomeado pelo arcebispo Dom João Becker como primeiro pároco da Paróquia Santa Tereza, no então distrito homônimo, pertencente ao município de Santa Cruz do Sul. Assumiu aquela jurisdição eclesiástica em 05 de março de 1937.

Sobre os demais atores envolvidos, sabemos que Francisco Weiler e Carlos Theobaldo Sperb continuaram em suas respectivas funções, ou seja, o primeiro como professor da escola paroquial católica de Picada São Paulo e, o segundo, como subprefeito distrital de Dois Irmãos. Assim como, na chefia do Executivo leopoldense permaneceu Theodomiro Porto da Fonseca,

²³Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), Coleção Carlos de Souza Moraes, Pasta 90, Correspondência ao prefeito de São Leopoldo, coronel Theodomiro Porto da Fonseca (1933).

²⁴ Nos anos seguintes, outras paróquias da região teriam os padres jesuítas substituídos por sacerdotes diocesanos. É o caso das paróquias Nossa senhora da Piedade e São Luiz Gonzaga, em Novo Hamburgo, onde o clero secular assumiu em 1941. Em São Leopoldo, na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, essa alteração ocorreu mais tarde, na segunda metade da década de 1970.

ocupando o cargo até 1944, quando renunciou. Porém, dois outros agentes adentram na história, ocupando um lugar de destaque em novo conflito envolvendo a escola da Picada São Paulo: o padre José Maria Kroetz e o advogado Carlos de Souza Moraes, secretário de Prefeitura de São Leopoldo.

Assim como seu antecessor, o padre José Maria Kroetz era um filho da região. Nasceu em Santa Maria do Herval, em 14 de outubro de 1902. Filho de Maria Kunst e Theodor Kroetz Filho, sua família paterna foi uma das primeiras a se instalar naquela área de colonização, na primeira metade do século XIX. Posteriormente, na década de 1920, alguns Kroetz partiram para a região do extremo-oeste de Santa Catarina, em uma colônia católica fundada pelo padre jesuíta Max von Lassberg. A colônia de Porto Novo, em 1926, passou a se denominar Itapiranga, emancipando-se de Chapecó em dezembro de 1953. José Maria foi ordenado sacerdote em 30 de novembro de 1928. Não encontramos dados sobre sua trajetória pastoral nos anos anteriores a sua posse em Dois Irmãos.²⁵

Carlos de Souza Moraes, natural de Montenegro, nasceu em 1908, no último ano do mandato intencional de seu pai, o coronel José Álvaro Pereira de Moraes. Formado em Direito no ano de 1933, foi juiz distrital no município de Herval, no sul do Rio Grande do Sul, entre 1931 e 1934. Deixando este cargo, passou a advogar em Porto Alegre até 1937, quando foi convidado por Theodomiro Porto da Fonseca para a função de secretário da Prefeitura Municipal de São Leopoldo, encargo ao qual esteve vinculado até o ano de 1944. Quando da renúncia de Theodomiro do posto de prefeito, foi indicado por este para assumir o governo, tendo sua recomendação aceita e efetivada pelo então interventor federal no estado, Ernesto Dornelles, permanecendo até o final do Estado Novo, em 1945.

Alguns anos após a carta de Francisco Murmann, a correspondência do Pe. Kroetz ao prefeito leopoldense teve um conteúdo ainda mais incisivo e de críticas aos atos cometidos pela municipalidade, segundo o presbítero, contra os fiéis católicos de Dois Irmãos. Já nos comentários iniciais, o pároco afirma que os motivos de sua indignação são conhecidos por Theodomiro, assim como que o projeto de uma escola pública na Picada São Paulo já era algo de longa data. Pelo fato do subprefeito citado se tratar de Carlos Theobaldo Sperb, é possível que esta tentativa de criação de uma instituição de ensino municipal na localidade seja decorrente dos conflitos ocorridos em 1933. Segundo José Maria Kroetz,

²⁵ Um dos irmãos de José Maria Kroetz também ordenou-se sacerdote, porém pertencente à Companhia de Jesus. Felipe Aloysio Kroetz nasceu em 1904, falecendo em 1979. Dentre as funções que exerceu, foi pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo, de 1939 a 1943. Posteriormente, trabalhou em Santa Catarina (em municípios como Itapiranga, Tunápolis e Iporã do Oeste). Atuou ainda em Caibaté/RS.

[...] estive hoje bem excitado por causa dos acontecimentos desnecessários que se vão dando em minha paróquia, não sem conhecimento de Vossa Excelência. Já a vários anos o senhor subprefeito daqui propôs-me a ideia de criar mais uma aula na Picada São Paulo. Procurei de impedi-lo, por motivos muito justos, para ter a garantia de subsistência da escola existente também no futuro, em que o número de alunos fatalmente vai decrescer. Agora o Município faz por própria conta, sem sequer se dignar de baixar-se a este humilde Vigário de Dois Irmãos e ouvir a opinião dele, embora a quase totalidade dos moradores seja católicos paroquianos meus.²⁶

Ao reforçar o catolicismo da comunidade local, o sacerdote também transparece a influência que exerce sobre aquele grupo, podendo mobilizá-lo para o aceite de uma nova escola naquele território ou não. Tenta demonstrar ao governante municipal que também conta com um poder de arregimentação e, com isso, sendo capaz de melindrar os planos das autoridades públicas. Mais adiante, Kroetz reafirma tal alcance, ao mesmo tempo em que deixa perceptível sua interpretação de que uma intervenção estatal nos bens da Igreja se tratava de uma atitude indecorosa, de violência contra aqueles que apoiavam o próprio regime estadonovista:

Se o povo me seguir, poderá funcionar a tal escola a fundar. [...] Eu sempre procurei de viver em boa harmonia com as autoridades civis; enquanto ficam em seu campo de ação, tudo vai bem, mas desde que invadiram direitos sagrados que tenho que defender, hão de ver-me na defensiva. E não há poder nem cá na terra, nem no próprio inferno, que me vão afastar do meu posto de defesa.

Os parágrafos seguintes continuam com o tom áspero e, ao mesmo tempo, com uma dose de ironia, enfatizando a responsabilidade do prefeito Theodomiro sobre os ocorridos, alertando-o que, como líder católico daquela comunidade, o padre José Maria Kroetz não abriria mão de tomar medidas contra a postura intervencionista municipal:

Ora, aconteceu que o Município de São Leopoldo já invadiu direitos sagrados a serem guardados pelo vigário da paróquia e ameaçam fazer novas investidas. Faz uns meses, foi colocada na escola paroquial de São Paulo uma chapa com os dizeres: Escola Municipal. Ora esta, sem dizer palavrinha ao vigário ou a comunidade católica. Essa é boa! Se isto está certo, também posso afixar uma chapa na frente da chácara de Vossa Excelência com os dizeres: Chácara do Vigário de Dois Irmãos. Se o próprio governo não respeita mais a propriedade alheia, não admire que o povo lhe siga o exemplo.

²⁶Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), Coleção Carlos de Souza Moraes, Pasta 48, Correspondência ao prefeito de São Leopoldo, coronel Theodomiro Porto da Fonseca (1941). A grafia do documento foi corrigida para as normas atuais da Língua Portuguesa.

As críticas ao governo são contundentes. Se oito anos antes, a carta do jesuíta Francisco Murmann, S.J. sobre problemas ocorridos na mesma escola e localidade tinha uma conotação mais branda e até mesmo conciliatória, adotando uma política diplomática, esta nova correspondência era respaldada em uma política de confronto direto. Duas posturas, mas um mesmo cenário: um jogo pelo poder, com estratégias distintas de manejo de forças. Mas a certa altura, o Pe. Kroetz estabelece um diálogo mais resignado sobre a fundação de uma escola pública, embora reafirme sua total contrariedade no uso do prédio da instituição católica existente, assim como é taxativo ao solicitar que o novo educandário seja afastado da igreja local:

Não posso impedir que fundem a tal da escola na Picada São Paulo, ao meu ver desnecessária. Se, porém, a querem fundar, deixem de fazer funciona-la até ter um prédio, ou aluguem uma casa, até ter própria, como foi feito no Walachai e em Dois Irmãos. Ao meu ver, se prestaria a sala de Henrique Arnecke. E seria um grande favor para toda a população católica de Picada São Paulo não colocar o prédio escolar perto da Igreja, como, aliás, quanto eu sei, estão pretendendo.

E ao encerrar sua missiva, o pároco apela para o bom senso das autoridades e, ciente do momento político e ideológico no qual estava vivendo, ou seja, da construção do nacionalismo conforme diretrizes do Estado Novo. No Rio Grande do Sul, o principal chefe do catolicismo, Dom João Becker, arcebispo de Porto Alegre, adotou uma postura *brasilianista*, apoiando as políticas de nacionalização estadonovistas e buscando alinhar a Igreja Católica estadual para com esse modelo. Deste modo, Padre Kroetz, lançou mão do dispositivo patriótico para salvaguardar o direito de permanência da escola paroquial e seu papel na formação cívica dos alunos: “espero também no futuro poder viver em boa harmonia com as autoridades, mas respeitem meus direitos de sacerdote. Enquanto me restar sopro de vida, serei defensor intrépido das aulas paroquiais, verdadeiros seminários de vocações sacerdotais e religiosas e de homens lídimos e patriotas a toda prova”.

Uma cópia deste documento permaneceu, por mais de sessenta anos, em posse de Carlos de Souza Moraes. Além do cargo de Secretário da Prefeitura de São Leopoldo, Moraes acumulou, entre 1939 e 1943, a função de Diretor de Instrução Pública municipal. Deste modo, todos os assuntos políticos e educacionais ocorridos no território leopoldense eram de seu interesse e incumbência. Mas para além dos cargos públicos, havia outro detalhe importante que deve ser levado em consideração: Carlos de Souza Moraes, desde a metade da década de 1930, era membro da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, uma entidade nacionalista fundada no Rio de Janeiro, em 1932, cujas marcas foram seu discurso voltado para a educação

e as ações políticas sobre grupos imigrantes, geralmente imbuídas de uma tonalidade xenófoba, especialmente contra árabes e asiáticos. Deste modo, Moraes também adotava uma linguagem e postura nacionalista.

Neste sentido, a atitude tomada pelo Pe. José Maria Kroetz não foi entendida apenas como uma afronta ao governo municipal de São Leopoldo, simplesmente. Mais que isso, foi compreendida por Carlos de Souza Moraes como uma ação contra a política de nacionalização que estava sendo implantada no país, além de ser classificada como uma narrativa discursiva de apoio ao *pertencimento alemão*, difundido nas colônias de origem germânica, tanto por padres (especialmente jesuítas) quanto por pastores do Sínodo Rio-grandense. Cabe destacar que, nesse período, teve início uma série de medidas arbitrárias especialmente contra evangélico-luteranos, rotulando-os como apoiadores e divulgadores do nazismo, ocasionando a repressão e prisão tanto de pastores quanto leigos. Deste modo, uma rotulação como *germanista* significava estar contra a ideia de *brasilidade* difundida pela ideologia e aparato estadonovista.

Quanto ao caso do vigário de Dois Irmãos, era necessário tomar alguma medida mais efetiva para extirpar uma célula corrosiva do tecido social daquela comunidade, para evitar maiores problemas e dificuldades à política nacionalizante, sobretudo no âmbito educacional. Em decorrência da proximidade entre Igreja Católica e as autoridades do regime, ao contrário do que ocorrera com clérigos protestantes, o Pe. José Maria Kroetz não foi enviado para alguma colônia penal agrícola. Alguns meses após o envio da carta, Kroetz teve sua transferência decidida pelo arcebispo Dom João Becker. Passaria a atuar em uma região mais interiorana: foi nomeado pároco em Tereza. A mesma paróquia em que, cinco anos antes, seu antecessor em Dois Irmãos, Pe. José Becker, tomou posse como primeiro pároco. Na comunidade católica Santa Tereza, Pe. Kroetz permaneceu até 1958, quando faleceu aos 56 anos de idade, no dia 22 de junho. Engajou-se, politicamente, pela emancipação política daquela localidade, fato ao qual não chegou a ver concretizado, pois a criação do município ocorreu em 30 de janeiro de 1959, quando também houve a mudança de denominação de Tereza para Vera Cruz. Mas, posteriormente, o sacerdote recebeu uma homenagem da municipalidade local, sendo denominada uma rua com seu nome: Cônego José Maria Kroetz. E quanto à Paróquia de São Miguel de Dois Irmãos, para seu lugar foi nomeado o padre Valentim Weschenfelder, que ali permaneceu por 32 anos. Porém, antes de sua nomeação e posse, ainda durante o processo de

indicação, Carlos de Souza Moraes solicitou informações detalhadas sobre o Pe. Valentim²⁷. Era prudente evitar novos conflitos e, ao seu ver, mais um padre *germanista* na “problemática” comunidade católica dois-irmonense.

²⁷Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL), Coleção Carlos de Souza Moraes, Pasta 26, Solicitação de informações sobre o Pe. Valentim Weschenfelder (1942).

Capítulo 4

DESSACRALIZAÇÃO E DESATIVAÇÃO

Dessacralização. Com certeza, essa é uma palavra que não lemos ou ouvimos com muita frequência. Mas a Antiga Matriz de São Miguel de Dois Irmãos passou por esse processo, antes de se tornar o conhecido Espaço Cultural de hoje. Na Igreja Católica, o processo de dessacralização, previsto no Código de Direito Canônico (conjunto de leis que rege a vida da Igreja), ocorre quando um templo deixa de ser espaço litúrgico, ou seja, não é mais utilizado para finalidades religiosas, especialmente a Celebração da Eucaristia. Para isso, o bispo diocesano publica um decreto episcopal e um rito é realizado, marcando a dessacralização daquele espaço.

Desde o final da década de 1960 se cogitava a construção de um novo templo, para abrigar a Igreja Matriz da Paróquia São Miguel, em Dois Irmãos. O argumento era de que a antiga igreja já não comportava mais as atividades da comunidade, que vinha crescendo nos últimos anos. O projeto saiu do papel a partir de 1975 e no dia 23 de março daquele ano, um Domingo de Ramos, ainda com as obras em andamento, é celebrada a primeira missa na nova Igreja Matriz.

Entre 1975 e 1979, o espaço da Antiga Matriz ainda era utilizado para a realização de batizados, por iniciativa do pároco, Pe. Benno Deimling, que dirigiu a comunidade entre 1976 e 1980. Pe. Deimling tinha carinho pela Antiga Matriz e reconhecia o valor histórico e afetivo do templo. Com a inauguração da nova Igreja Matriz, é provável que o decreto episcopal – emitido por Dom Vicente Scherer – e o rito de dessacralização tenham sido realizados. Entretanto, não há registros nos Livros Tombos paroquiais²⁸ destes atos, o que não nos permite dizer a data exata de quando isso ocorreu. Sobre este documento, o atual pároco da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos²⁹ indicou que, de forma geral, o mesmo deve ter sido emitido, porém não sendo encontrado nos arquivos paroquiais. É possível que exista alguma cópia junto à Mitra da Diocese de Novo Hamburgo ou, mais provavelmente, junto ao Arquivo Histórico da

²⁸ Estes livros funcionam como “livros diários”, onde são lançados os atos e fatos significativos de valor histórico e os acontecimentos e os procedimentos administrativos de maior relevância.

²⁹ Em reunião realizada no dia 5 de outubro de 2021, na qual estiveram presentes o Pe. Alexsandro Lemos da Silva, pároco de Dois Irmãos, Vera Rausch, coordenadora do Espaço Cultural Antiga Matriz e o historiador Rodrigo Luis dos Santos, foi abordada a questão da existência de documento e rito relacionados com a dessacralização de um templo católico.

Cúria Metropolitana de Porto Alegre, pois a Paróquia de Dois Irmãos era juridicamente vinculada àquela Arquidiocese até fevereiro de 1980. Entretanto, mesmo com os diversos contatos efetivados, não foi obtido - até o momento - retorno sobre a existência de tal documento arquivado.

Transcrevemos aqui a íntegra do *Decreto de redução a usos profanos da antiga igreja matriz de Dois Irmãos*, publicado pelo Bispado de Novo Hamburgo em 27 de setembro de 1991, assinado pelo então bispo diocesano, D. Boaventura Kloppenburg. Quando da edição deste decreto, estava ocorrendo o processo de permuta entre a Diocese de Novo Hamburgo e a Prefeitura Municipal de Dois Irmãos, onde o Governo Municipal cedia alguns terrenos para a Diocese, em troca da Antiga Igreja Matriz. Por isso a cópia deste decreto se encontra arquivado na Prefeitura Municipal de Dois Irmãos. Vejamos o que define o documento:

De acordo com as normas dos cânones 1212 e 1222 do Direito Canônico e ouvido o conselho presbiteral diocesano bem como o conselho pastoral paroquial de Dois Irmãos, fica determinado que a antiga igreja matriz dedicada a São Miguel Arcanjo, na cidade de Dois Irmãos, que foi tombada pelas autoridades do patrimônio histórico e passa a partir de hoje a ser propriedade do município, deixa de ser lugar de culto divino, para ser permanentemente destinado a usos profanos não sórdidos.

Novo Hamburgo, 27 de setembro de 1991.

+Boaventura Kloppenburg

Bispo da Diocese de Novo Hamburgo.

O decreto, por seu turno, parece reforçar o ato de dessacralização - assim como possível decreto anterior - ou, no mínimo, efetivar um ato jurídico e litúrgico que deveria ter sido realizado ainda na década de 1970. Mas agora esse ato se fazia necessário, em decorrência da permuta estabelecida entre Prefeitura e Diocese. O decreto se baseia em leis canônicas, que possuem os seguintes termos³⁰:

Cân. 1212. Os lugares sagrados perdem a dedicação ou a bênção, se tiverem sido destruídos em grande parte ou se forem permanentemente reduzidos a usos profanos, por decreto do Ordinário competente ou de fato. Cân. 1222 § 1. Se alguma Igreja de maneira alguma puder ser usada para o culto divino e não houver possibilidade de se restaurar, pode ser reduzida pelo Bispo diocesano a uso profano não-sórdido. § 2. Onde outras graves causas aconselham que alguma igreja não seja mais usada para o culto divino, o Bispo diocesano, ouvido o conselho dos presbíteros, pode reduzi-la a uso profano não-sórdido, com o consentimento daqueles que sobre ela legitimamente reclamam direitos, contanto que o bem das almas não sofra com isso nenhum prejuízo.

³⁰ Código de Direito Canônico, III Parte - Dos Lugares e Templos Sagrados; Título I - Dos Lugares Sagrados. O atual Código de Direito Canônico foi promulgado pela Constituição Apostólica *Sacrae Disciplinae Leges*, de 25 de janeiro de 1983, no Quinto Ano do Pontificado de João Paulo II. Em vigor a partir de 27 de novembro de 1983. Atualizado com a Carta Apostólica sob a forma de Motu Próprio *Ad Tuendam Fidem* de 18 de maio de 1998.

É possível concluir, a partir da leitura dos cânones, que a dessacralização se deu em ocorrência do não interesse da Paróquia em manter uso sobre o antigo templo, permitindo que ele se tornasse, através da ação comunitária e do Poder Público, um espaço cultural a partir daquele ano de 1991. Todavia, é preciso destacar que entre 1975 e 1991, a Paróquia de Dois Irmãos (e, conseqüentemente, a Arquidiocese de Porto Alegre, até 1980, e Diocese de Novo Hamburgo após esta data) era a proprietária e responsável legal pelo prédio.

Com a retirada da Pedra D'Ara³¹ do Altar Principal e da Pia Batismal (transferidas para a nova igreja), assim como de imagens e outros objetos litúrgicos, a Antiga Matriz é desativada enquanto espaço litúrgico.

Em 29 de setembro de 1979, dia de São Miguel Arcanjo (assim como dos arcanjos São Gabriel e São Rafael), foi celebrada a Missa Inaugural da nova Igreja Matriz, presidida pelo arcebispo metropolitano de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer. Pouco tempo depois, em 2 de fevereiro de 1980, é criada a Diocese de Novo Hamburgo, através da Bula Papal *Cum sacer praesul ecclesia*, emitida por João Paulo II, sendo nomeado como primeiro bispo diocesano Dom Aloísio Sinésio Bohn, até então bispo auxiliar na Arquidiocese de Brasília. A diocese é composta por paróquias que até então pertenciam ao território da Arquidiocese de Porto Alegre. Com isso, a Paróquia São Miguel de Dois Irmãos passa a integrar a Diocese de Novo Hamburgo.

É importante ressaltar que a partir daquele ano de 1975, o antigo templo entrou em uma fase de crescente abandono, especialmente a partir de 1979. Diante de tal fato e das tentativas de demolição da antiga igreja, teve início um movimento para preservação do espaço, conforme veremos em maiores detalhes nos capítulos seguintes deste material.

³¹ Na Liturgia Católica, o Altar (mesa) representa o próprio Jesus Cristo, relembrando o sacrifício da crucificação. No centro do Altar existe uma pequena pedra, feita de mármore, onde é depositada alguma relíquia de santo (como pedaço de veste, fragmento de ossos). Essa pedra é denominada Pedra D'Ara (Pedra do Altar, em latim). A Pedra D'Ara também é uma lembrança de quando os ofícios litúrgicos, especialmente a Eucaristia, eram celebrados nos esconderijos das catacumbas sobre os túmulos dos mártires que haviam sido recolhidos. Quando o altar é consagrado, o bispo passa óleo e vinho, depois coloca grãos de incenso nos cantos e no meio os acende. Isso tem origem na consagração do altar do templo de Salomão. Durante a celebração da Missa, a Hóstia e o Cálice são colocados sobre a Pedra D'Ara, que está encoberta por três toalhas que são colocadas sobre o Altar. No caso da Antiga Matriz de Dois Irmãos, é provável – embora isso não tenha sido registrado nos Livros Tombos da paróquia – que a Pedra D'Ara do antigo Altar Central tenha sido transferida para o Altar da Nova Igreja Matriz.

Capítulo 5

O ABANDONO DA EDIFICAÇÃO

Entre 1975 e 1979, a Antiga Igreja Matriz de São Miguel, conforme relatado no capítulo anterior, foi sendo substituída pela nova igreja como espaço litúrgico paroquial. Esse processo de mudança fez com que a Antiga Matriz entrasse numa longa fase de abandono, que perdurou por 20 anos. Além do abandono, é importante mencionar que houve uma tentativa de demolição do templo, inclusive com o apoio do pároco da época, Pe. José Günther Büttenbender. Entre os argumentos do sacerdote, estava o de que a Antiga Matriz “obstruía um pouco a visão da nova igreja matriz” (SPOHR, 2016, p. 170). Para reforçar essa ideia, argumentava que a demolição também era uma vontade do próprio Arcebispo de Porto Alegre, Cardeal Dom Vicente Scherer. Também é necessário destacar que especulação imobiliária e os interesses de alguns agentes locais, relacionadas com atividades de compra e venda de imóveis, também tiveram papel nessa tentativa de pôr fim ao templo, que já contava com mais de 100 anos naquele momento.

A mobilização comunitária, como veremos em outro tópico, evitou a destruição da Antiga Matriz. Entretanto, mesmo com a preservação, o espaço acabou ficando sem os cuidados e manutenção adequada, o que proporcionou um quadro de deterioração muito grande.

Até o início da década de 1990, o espaço foi utilizado, esporadicamente, para fins diversos, como salas de catequese, para reuniões de grupos de jovens e até mesmo velórios foram ali realizados. A partir deste período, até 1995, aproximadamente, muitas vezes o antigo templo serviu como local de depósito e “usado para outros atos menos nobres”, o que contribuiu para a degradação do local. Em imagens registradas na década de 1990, podemos ver a presença de objetos totalmente adversos, além de sujeira, infiltrações, rachaduras na estrutura, entre outros problemas. Se fazia necessário e urgente modificar aquele cenário. De forma mais acentuada, a partir de 1991, foram adotadas medidas visando preservar, restaurar e requalificar a Antiga Matriz, cujas iniciativas partiram, especialmente, da mobilização da comunidade. Mas isso veremos nos tópicos seguintes.

2ª Parte

O ESPAÇO CULTURAL ANTIGA MATRIZ

Capítulo 6

A MOVIMENTAÇÃO COMUNITÁRIA

A partir de 1975, com a Antiga Matriz deixando de ser utilizada como espaço religioso, houve o questionamento sobre a própria existência do local, que começou a ser alvo de investidas, defendendo sua demolição. A especulação imobiliária foi uma das razões motivadoras para essa intenção. Ao mesmo tempo, o próprio pároco local, Pe. José Günther Büttenbender, não escondia que também era seu desejo que a Antiga Matriz fosse demolida. Dentre seus argumentos, afirmava que o templo em desuso “iria atrapalhar a vista da nova igreja”. Como forma de referendar seu ponto de vista, dizia que a ideia de demolição da Antiga Matriz também era defendida por D. Vicente Scherer, Cardeal e Arcebispo Metropolitano, que governou a Arquidiocese de Porto Alegre entre 1947 e 1981.

A passagem de Pe. Günther à frente da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos foi de curta duração. Assumiu em 6 de janeiro de 1975, sendo transferido para outra paróquia em 12 de junho de 1976. Mesmo perdurando por apenas um ano e cinco meses, foi um período conturbado dentro da comunidade católica local, pois a ideia de demolição da Antiga Matriz não era compartilhada pela maioria.

É possível que esses atritos tenham motivado a substituição do Pe. Günther. Para seu lugar foi nomeado o Pe. Benno Deimling, que possuía um ponto de vista diferente de seu antecessor, não concordando com a destruição da igreja. Tanto que, em várias ocasiões, celebrou batismos no espaço da Antiga Matriz, durante seu período como pároco, entre 1976 e 1980. Mas o sucesso em manter o antigo templo edificado foi resultado, principalmente, da mobilização da comunidade local.

Em 1975, teve início o movimento visando preservar a Antiga Matriz, “batendo de frente” com os interesses de demolição do espaço. Esse movimento foi iniciado pela jovem Bernadete Rausch, na época estudante do Curso de Turismo em Porto Alegre. Ao saber da ameaça de destruição do templo, procurou a imprensa para denunciar a situação. Encontrou apoio do jornalista Walter Galvani da Silveira, então repórter do jornal *Correio do Povo*, que circulava por todo Rio Grande do Sul. Ele publicou uma reportagem sobre o assunto, questionando se era justo um local histórico como a Antiga Matriz de São Miguel, palco de tantos momentos vividos pela comunidade de Dois Irmãos, vir abaixo por conta de interesses de poucas lideranças.

A repercussão da reportagem desagradou alguns membros da comunidade local, mas foi vista positivamente por muitos outros. O fato é que isso gerou uma movimentação comunitária que impediu a demolição da Antiga Matriz.

Outra publicação partiu de Leandro da Silva Telles, advogado e historiador, que se dedicou à historiografia da imigração alemã e questões de patrimônio histórico. O texto também foi publicado no jornal *Correio do Povo*, em 30 de novembro de 1975.³² Leandro Telles faz uma defesa da Antiga Matriz, apelando para sua preservação e, conseqüentemente, para que ganhe um novo uso comunitário. O texto inicia com as seguintes palavras:

A pacata localidade de São Miguel de Dois Irmãos tem aparecido, ultimamente, nos jornais, como um autêntico símbolo da luta pela preservação do patrimônio histórico do nosso Estado. De um lado, o prefeito Justino Vier e a grande maioria da população católica lutam para impedir a demolição da velha matriz da localidade, constituindo-se, destarte, em verdadeiros paladinos da conservação do acervo cultural das velhas colônias alemãs (CORREIO DO POVO, 30/11/1975).

Em seguida, Telles esboça um pequeno histórico sobre Dois Irmãos, da comunidade católica local e do antigo templo. Nas partes seguintes, o problema da demolição é tratado com mais vagar pelo referido historiador, unindo aos seus argumentos relatos e pareceres de outros envolvidos na luta pela preservação. Sem mencionar o nome do Pe. José Günther Büttendbender, é informado que o mesmo sugere que no lugar onde estava a Antiga Matriz, fosse construída uma praça, que seria doada à Prefeitura Municipal de Dois Irmãos. Entretanto, o então prefeito, Justino Antônio Vier, se mostrou desfavorável àquela medida, defendendo que o templo permaneça. É reproduzida uma frase atribuída ao prefeito Vier, onde afirmou que “ela é a história de Dois Irmãos, do seu padroeiro S. Miguel, de mais de um século de vida da nossa gente. [...] porque quem visita Dois Irmãos não vem para ver edifício modernos e sim curiosidades que atravessaram o tempo” (CORREIO DO POVO, 30/11/1975).

Reforçando a ideia preservacionista, Leandro Telles traz tópicos de um parecer³³ assinado por Frederico Michel Müller e Doris Maria Müller³⁴ – que na época era professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Anteriormente, estes arquitetos foram responsáveis pelo projeto da igreja do Santuário Sagrado Coração de Jesus, em São Leopoldo, onde está localizado a sepultura do Pe. João Batista Reus,

³² Documento pertencente ao Acervo da Associação de Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural de Dois Irmãos (AAPHeCDI).

³³ O parecer foi publicado anteriormente no *Correio do Povo*, na edição do dia 16 de novembro de 1975.

³⁴ Frederico Michel Müller foi professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), assim como Doris Maria Müller, sua filha.

S.J. e o Cemitério dos Jesuítas. O parecer foi solicitado pelo próprio Pe. Günther, no intento de encontrar respaldo para a demolição da igreja. Contudo, o laudo não se mostrou favorável ao seu interesse. Aqui reproduziremos o trecho do parecer publicado no texto de Telles:

Ambas as igrejas antigas, a evangélica e a católica, são características em sua maneira de marcar a silhueta da cidade de Dois Irmãos. A velha igreja católica, das antigas igrejas existentes no Estado, é das mais interessantes e dignas de conservação. É portadora de valores religiosos e testemunho do difícil tempo da fundação da comunidade. Se o seu estado atual não o desaconselhar de todo, nós somos do parecer que ela deva ser conservada, devendo entretanto receber novas funções [...]. A derrubada desta igreja rasgaria um claro que isolaria a nova e significaria a perda de dimensão para ela. Além disso, a praça resultante teria um formato muito alongado (CORREIO DO POVO, 30/11/1975).

Por fim, o escrito de Leandro da Silva Telles preconizou uma sugestão que se tornou fato anos depois: transformar o local em um espaço cultural. Mas essa etapa iremos analisar com mais calma em capítulo posterior. Mas é interessante retomarmos os argumentos dados por Telles naquele momento:

Dois Irmãos não teria necessidade de uma praça, há bastante espaço para seus moradores descansarem ao ar livre e passarem e em qualquer espaço verde nas adjacências da rua principal poderia ser planejada uma praça. Ou mesmo em redor das duas igrejas, conforme o demonstraram os arquitetos referidos. Entretanto, o que Dois Irmãos mais precisa é um centro cultural, para disseminação daquilo que o Brasil mais carece: de cultura (CORREIO DO POVO, 30/11/1975).

Importante destacar que, alguns anos mais tarde, mais precisamente em 1983, o artigo de Leandro Telles foi anexado ao parecer técnico emitido por Nestor Torelly Martins, arquiteto responsável por analisar a possibilidade de tombamento da Antiga Matriz de São Miguel. Como trataremos no capítulo seguinte, de fato ocorreu o tombamento do imóvel em nível estadual, no ano de 1984.

Ao fim de tudo, a ideia defendida por Pe. Günther e outras pessoas da comunidade, de destruição da Antiga Matriz de São Miguel, não foi concretizada. A igreja continuou em seu lugar. Mas sofrendo com a degradação nas duas décadas seguintes.

Capítulo 7

O TOMBAMENTO E A AQUISIÇÃO

As iniciativas de 1975 garantiram que o templo não fosse demolido, dando lugar a uma praça – ou, até mesmo, para algum outro tipo de empreendimento imobiliário, visto estar localizado em uma área nobre no centro da cidade de Dois Irmãos. Mas, após essa primeira vitória, a Antiga Matriz, mesmo com usos esporádicos, adentrou em uma fase de abandono, o que trouxe prejuízos em sua estrutura nos anos seguintes. Por conta dessa realidade, a comunidade de Dois Irmãos buscou ampliar a mobilização para que a velha igreja tivesse reconhecimento como um bem cultural, histórico e religioso. Isso permitiria até mesmo melhores condições para garantir a preservação adequada daquele espaço, que ainda permanecia como propriedade da Mitra da Diocese de Novo Hamburgo.

Um marco importante nessa tentativa de valorização ocorreu no ano de 1983. Naquele ano, as professoras Clarice Maria Arandt e Vera Maria Rausch lideraram a iniciativa de criar um abaixo-assinado, buscando medidas mais concretas para a preservação e restauro desse espaço. Clarice e Vera contaram com a ajuda das também professoras Líria Lawisch e Márcia Sauressig Wendling na coleta de mais de 800 assinaturas, depois encaminhadas às autoridades estaduais na área de Patrimônio.

O documento foi entregue ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul em novembro de 1983, através da então denominada Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (CPHAE), que recebeu a nomenclatura de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) em 1990. Sobre esse episódio, traremos alguns detalhes de reportagem publicada na época, datada de dezembro de 1983.³⁵

No dia 23 de novembro daquela ano de 1983, nas dependências da Sociedade Santa Cecília, localizada ao lado da Antiga Matriz, foi realizado o *Encontro Regional da Arquitetura nas áreas de Colonização Alemã e Italiana no Rio Grande do Sul*. Enquanto comunidade anfitriã, houve espaço para que relatos mais específicos sobre Dois Irmãos fossem apresentados aos presentes. A palestra sobre as características do município ficou a cargo da professora Clarice Arandt. Mas nem tudo foi tranquilo.

³⁵ Documento pertencente ao Acervo da Associação de Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural de Dois Irmãos (AAPHeCDI). Não foi possível verificar o nome do periódico em que foi publicado, mas deve se tratar de um jornal local.

Após a polêmica, ocorrida oito anos antes, sobre a demolição ou preservação da Antiga Matriz, outra polêmica estava instaurada: a restauração e preservação do local. E o encontro abriu espaço para que fosse realizado um debate sobre esse tema. Conforme a reportagem, “os que estavam por perto viram algumas pessoas levantarem-se e saírem do recinto”. É plausível que estas pessoas tenham sido as mesmas que, em 1975, apoiaram o Pe. Günther Büttenbender em sua proposta de demolição da igreja antiga. Entretanto, alguns fatos reforçam que a maioria da comunidade de Dois Irmãos era apoiadora de iniciativas que visassem a preservação e um uso adequado daquele espaço histórico. Um destes ocorreu ainda durante o *Encontro Regional de Arquitetura*.

A Secretaria de Estado da Educação e Cultura, durante o governo de Jair Soares (1983-1987) era chefiada pelo professor Plácido Steffen. Como não pode comparecer ao evento, foi designado como seu representante o então diretor do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs), coronel Moacir Domingues. Foi ele que recebeu, em nome do governo estadual, a cópia do abaixo-assinado com mais de 800 assinaturas, das mãos da professora Vera Rausch, que organizou a iniciativa junto com a colega Clarice Arandt. Buscavam, desse modo, apoio das autoridades estaduais para manutenção e conservação da Antiga Matriz, já em processo de deterioração. Segue a transcrição do texto do documento que foi entregue ao coronel Domingues naquela oportunidade.³⁶

Exmo. Sr. Cel. Moacir Domingues

M. D. Diretor do Arquivo Histórico do Estado do R.G.S.

Vimos por meio deste abaixo-assinado, expressar o desejo da comunidade de Dois Irmãos de restaurar e preservar a Antiga Igreja Matriz de São Miguel. Em se considerando o município de Dois Irmãos um núcleo importante da região da Colônia Alemã, que muito contribuiu para a formação cultural do Vale do Rio dos Sinos, faz-se mister ressaltar a importância da preservação como monumento histórico da Antiga Igreja Matriz de São Miguel. Esta igreja construída em 1848, portanto, há mais de 100 anos, com o esforço e a fé de nossos antepassados, merece de nossa parte, comunidade doisirmonense, uma especial atenção, bem como das autoridades civis e eclesiásticas, pois esse monumento faz parte de toda uma cultura de nossa região.

Nós, abaixo assinados solicitamos o empenho de V. Sa. no sentido de nos orientar e auxiliar nessa tarefa, dentro das possibilidades e condições que V. Sa. possa nos oferecer.

Certos de vossa sensibilidade em acolher o desejo de uma comunidade representada por aproximadamente 800 assinaturas, agradecemos desde já o empenho e interesse nessa causa.

Comunidade doisirmonense.

³⁶ Abaixo-assinado pela preservação e restauração da Antiga Matriz de São Miguel de Dois Irmãos (1983). Documento pertencente ao Acervo da Associação de Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural de Dois Irmãos (AAPHeCDI).

Moacir Domingues informou que caberia à própria comunidade local promover estudos e debates, visando encontrar alternativas mais acertadas para preservar e restaurar aquele espaço. Mas deixou claro que haveria apoio por parte do governo gaúcho, por meio do CPHAE, e da própria Prefeitura Municipal de Dois Irmãos. Por fim, salientou que para que o projeto de restauração pudesse ser efetivado, aquele movimento comunitário deveria articular a formação de uma *Comissão Pró-Restauro da Antiga Matriz de São Miguel*.

O documento nos ajuda a perceber que, naquele momento, a ideia de tombamento da igreja não era o principal objetivo almejado, mas sim, sua restauração. Contudo, a iniciativa da mobilização comunitária obteve um êxito maior nesse sentido, pois houve por parte do Governo do Rio Grande do Sul o reconhecimento da Antiga Igreja Matriz como um bem de interesse público e de importante valor histórico, cultural e arquitetônico, sendo decidido pelo seu tombamento. O parecer técnico que fundamentou essa decisão é de autoria de Nestor Torelly Martins, como mencionado no capítulo anterior deste dossiê. O processo de tombamento recebeu o número 544.69/83 junto ao CPHAE.

O parecer do arquiteto Nestor Torelly Martins destacou alguns elementos principais como argumento do interesse em tomar a Antiga Matriz. Um deles, alinhado com a representatividade arquitetônica e paisagística, é o seguinte:

Aquele prédio obedecendo ao estilo neogótico muito usado nas zonas de colonização alemã na época, se adapta ao contexto urbano ainda hoje como um referencial histórico daquela comunidade (Processo nº 544.69/83 - CPHAE. Fl. 32).

Outros tópicos elencados como fundamentação foram: “qualidade do trabalho feito em pedra; relação com outras regiões de colonização Alemã; relação entre a Igreja e o contexto urbano (seu entorno); necessidade de reparos; utilização de uma matéria de jornal e uma publicação para fundamentar a importância histórica da igreja” (Processo nº 544.69/83-CPHAE. Fl. 33).

Com a designação para tombamento, o espaço passou a integrar a lista de Patrimônios Culturais do Rio Grande do Sul. Com a Portaria 06/84, de 1º de agosto de 1984, a Antiga Matriz de São Miguel de Dois Irmãos foi inscrita no *Livro Tombo de Bens Materiais*, sob o número de inscrição 25. Em 16 de agosto do mesmo ano, foi publicado no *Diário Oficial do Estado* o Decreto de Tombamento, assinado pelo então governador, Jair de Oliveira Soares, cujo teor está disponível abaixo:

Portaria n. 06/84/SUSEC

O Subsecretário de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 69, item II, da Portaria de n. 40, de 30 de junho de 1980, da extinta Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, e tendo em vista o parecer da Coordenadoria dos Assuntos de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural do Estado, no processo n. 54469 – 19.00 – SEC-1983 originado em pedido feito pela comunidade dois-irmonense através de abaixo-assinado, de 23 de novembro de 1983,

RESOLVE:

Reconhecer como de interesse público, nos termos do artigo 1º da Lei Estadual n. 7.231, de 18 de dezembro de 1978, combinada com o Decreto-Lei Federal n. 25, de 30 de novembro de 1937, por seu valor arquitetônico e histórico, a antiga igreja matriz de São Miguel, próprio da mitra diocesana de Novo Hamburgo, sito à rua São Miguel, n. 453, na cidade de Dois Irmãos, para que passe a integrar o patrimônio cultural do Estado.

Publique-se no Diário Oficial do Estado, registre-se no Livro de Tombo Histórico desta Subsecretaria e promova-se a averbação no Registro de Imóveis a que tocar.

Porto Alegre, 1º de Agosto de 1984.

JOAQUIM PAULO DE ALMEIDA AMORIM

Subsecretário de Cultura

TESTEMUNHAS:

1º JAIR DE OLIVEIRA SOARES

Governador do Estado

2º FRANCISCO DE PAULA SALZANO VIEIRA DA CUNHA

Secretário de Estado da Educação e Cultura

3º LUIZ GONZAGA DE SOUZA FAGUNDES

Secretário do Interior, Desenvolvimento Regional e Obras Públicas

Outras ações foram realizadas nesse sentido, ao longo dos anos seguintes, como o abraço simbólico ao redor do templo, em 1985, feito por alunos da Escola Estadual 10 de Setembro, localizada a poucas quadras da velha igreja.

Em 1991, por conta de uma permuta assinada pela Prefeitura Municipal de Dois Irmãos, na gestão do prefeito João Arnildo Mallmann, com a Mitra da Diocese de Novo Hamburgo, a Antiga Matriz foi incorporada ao patrimônio municipal de Dois Irmãos, tendo a partir de então a Prefeitura como proprietária. Em troca do antigo templo, a Prefeitura cedeu para a Diocese algumas áreas de terra no bairro São João. Não se deve pensar que o andamento das negociações entre as duas entidades foi tranquila. Se tratou de um processo longo e difícil.

Entre 1983, quando ocorreu a iniciativa do abaixo-assinado, e 1991, quando foi assinada a permuta, dois prefeitos passaram pelo Governo Municipal de Dois Irmãos: entre 1983 e 1988, Romeo Benício Wolf, cujo vice-prefeito, José Carlos Vier, era filho do já mencionado Justino Vier, incentivador da preservação da Antiga Matriz; e entre 1989 e 1992, João Arnildo Mallmann. Por outro lado, a Paróquia São Miguel contou com quatro párocos durante esse período: Pe. Bráulio Aloysio Weber (1980-1984), que exercia a função quando ocorreu o tombamento da antiga igreja pelo Governo do Estado. Na sequência, foi nomeado o Pe. Werno Blume (1984-1985), que assumiu o comando da comunidade oito dias após o tombamento da

antiga igreja, cujo período, conforme consta no próprio site da Paróquia de Dois Irmãos, foi marcado por conflitos de diversas naturezas.³⁷ Com a transferência do Pe. Werno Blume para o Seminário Diocesano em Canela, Pe. Oscar Calsing foi instituído no cargo de Administrador Paroquial³⁸, entre 5 de maio e 18 de junho de 1985, com a missão de resolver os conflitos ali existentes, por ordem de D. Aloísio Sinésio Bohn, bispo diocesano de Novo Hamburgo entre 1980 e 1986. Por fim, em junho daquele mesmo ano de 1985, o Pe. Luiz Pedro Wagner assumiu como pároco, ficando à frente da Comunidade Católica de Dois Irmãos até 1993.

Em ofício datado de 3 de abril de 1990, o presidente do Conselho Paroquial de Pastoral, juntamente com o pároco, Pe. Luiz Pedro Wagner, informam à D. Boaventura Kloppenburg o que foi acordado em reunião ocorrida em 11 de março daquele ano.³⁹ O conteúdo do referido documento nos ajuda a compreender os impasses e o clima de tensão que cercou o processo de permuta da Antiga Matriz, como pode ser conferido na sequência:

Em reunião do Conselho Paroquial de Pastoral, no dia 11 de março de 1990, foi apresentada a documentação do prefeito municipal de Dois Irmãos e a do Bispo Diocesano, sobre o destino a ser dado à antiga igreja matriz de Dois Irmãos.

Depois de examinada a proposta da Prefeitura, concluiu-se:

- 1 – a igreja, de fato, por Portaria n. 06/84 SUSEC, do dia 1º de agosto de 1984, é Patrimônio Histórico e Cultural do Estado;
- 2 – não compete à Igreja e nem ao Município redefinir a finalidade deste acervo histórico, hoje tombado;
- 3 – nos opomos a qualquer tentativa de transformar este prédio em um centro de cultura;
- 4 – não nos opomos à reforma da igreja matriz, mas que seja mantida como igreja, caso contrário não tem razão de ser;
- 5 – preferimos, caso a SUSEC autorizar, transferir esta igreja para uma de nossas periferias, mantendo estilo de construção, nome do padroeiro e todas as imagens que faziam parte da antiga matriz.

Como visto, a opinião das lideranças paroquiais era irredutível: se mostraram contrários à transformação da Antiga Matriz em espaço cultural e dariam apoio ao restauro somente se o prédio continuasse com sua função religiosa.

Dois dias após este documento ser enviado à D. Boaventura Kloppenburg, foi a vez do bispo diocesano fazer contato com o prefeito de Dois Irmãos, informando-o sobre

³⁷ Paróquia São Miguel. Disponível em: <https://www.saomigueldoisirmaos.org.br/>. Acesso em 15 dez. 2021.

³⁸ O cargo de Administrado Paroquia, embora tenha os mesmos poderes e incumbências de um pároco, é de caráter provisório, pois ele fica na comunidade até ser nomeado um pároco, que pode ser ele mesmo. Não existe um prazo, mas não convém que fique muito tempo como administrador. Tem função pastoral e administrativa, fazendo tudo o que o pároco faz.

³⁹ Cópia de documento arquivada junto ao Acervo da Associação de Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural de Dois Irmãos (AAPHeCDI).

possibilidades aventadas.⁴⁰ Além de encaminhar cópia do ofício que havia recebido da Paróquia São Miguel de Dois Irmãos, também informou sobre duas alternativas apontadas pelo Conselho Presbiteral da Diocese de Novo Hamburgo, que havia se reunido no dia 4 de abril de 1990. A primeira proposta se assemelhava àquela contida no documento emitido pela paróquia, mas com um tom mais flexível no que se referia ao uso cultural do prédio. Entretanto, aquele espaço continuaria com o status canônico de igreja, cabendo ao Governo do Estado assumir as despesas com o restauro da estrutura. A segunda alternativa iremos transcrever integralmente:

Segunda proposta:

Avaliar o terreno e o prédio e em troca a Prefeitura compensa com terrenos nos bairros para a construção de capelas e centros comunitários. Desta maneira, a própria Prefeitura se torna proprietária do imóvel, podendo nele organizar o desejado centro de cultura.

Diante do que está exposto nesta documentação, se entende que a ideia de permuta partiu de instâncias superiores da Diocese de Novo Hamburgo, ou seja, do Conselho de Presbíteros e de D. Boaventura, adotando um caminho mais conciliatório do que o apontado pela direção da Paróquia São Miguel. E, como sabemos, foi essa a alternativa estabelecida como solução para o caso no ano seguinte.

Embora tanto o pároco como o Conselho Pastoral Paroquial de Dois Irmãos tenham se manifestado contra a permuta e usos profanos da Antiga Matriz, foi durante a gestão do Pe. Luiz Pedro Wagner que o prédio passou a ter a Prefeitura Municipal de Dois Irmãos como proprietária.

Como vimos no Capítulo 4, sobre o processo de dessacralização e desativação do templo, naquele ano de 1991 foi emitido o *Decreto de redução a usos profanos da antiga igreja matriz de Dois Irmãos*, por D. Boaventura Kloppenburg, bispo diocesano, retirando da Antiga Matriz sua funcionalidade religiosa/litúrgica. Se trata, deste modo, de um documento jurídico-eclesiástico que complementou o ato civil de permuta, “liberando” a velha igreja para finalidades socioculturais, educativas e comunitárias diversas. Ao mesmo tempo, servia como um argumento consistente para evitar polêmicas, como possíveis comentários de que “um lugar sagrado seria usado para coisas que não são religiosas”.

⁴⁰ Cópia de documento arquivada junto ao Acervo da Associação de Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural de Dois Irmãos (AAPHeCDI).

Mas outras ações foram necessárias para garantir não apenas a preservação do espaço, mas também sua manutenção, restauro e requalificação. E, mais uma vez, a participação da comunidade foi importante para que isso se concretizasse.

Capítulo 8

O RESTAURO

Para realizar um pequeno histórico sobre o processo de restauro da Antiga Matriz, é preciso mencionar o principal grupo que se empenhou para essa iniciativa: a Associação de Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural de Dois Irmãos (AAPHeCDI). A entidade teve origem em um encontro realizado em 1992 do qual participaram Angelo Reinheimer, então chefe do Departamento Municipal de Cultura; Tânia Luisa Becker, na época coordenadora do Museu Histórico Municipal, e Vera Maria Rausch, professora da Escola Estadual 10 de Setembro. Aos poucos, mais pessoas foram se somando à causa, constituindo o grupo de Amigos da Antiga Matriz, que se reuniam para conversar e pensar em como buscar recursos para realizar as obras de restauração da Antiga Igreja.

Após várias reuniões que aconteceram ao longo de 1994/95, a AAPHeCDI foi criada oficialmente a 17 de outubro de 1995, tendo como foco principal a preservação, restauração e revitalização da Antiga Igreja Matriz, além de promover a valorização, divulgação e a preservação de todos os bens e manifestações culturais de Dois Irmãos. Listam entre os sócios fundadores: Justino Antônio Vier, Benjamim Motizka, Maria Dolores Wendling, Larissa Weber, Theresinha Ritter Malheiros, Hilária Arnold Kreuz, Denise Flor Van Hattem, Anete Lauter, César Augusto Rausch, César Adolfo Müller, Vera Maria Rausch, Tânia Luisa Becker, Maria Ines Rausch, Marlene Gueths, Liria Lúcia Lawisch, Maria Lourdes Schäffer, Jorge Angelo Reinheimer, Hilda Hulda Weber e Eva Margarida Bachimont.

Como registro histórico, transcreveremos um pequeno trecho da ata de número 01, de 17 de outubro de 1995, que tratam da fundação da AAPHeCDI:

Ao dezessete dias do mês de outubro de mil novecentos e noventa e cinco, às dezenove horas, no prédio do Museu Histórico de Dois Irmãos, sito à Av. São Miguel, 1658, reuniu-se um grupo de pessoas para criar a “Associação de Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural de Dois Irmãos”, com a sigla Amigos da Antiga Matriz. Após concordância de todos os presentes com a criação, mediante a leitura dos estatutos, apresentou-se a minuta do Estatuto Social da Associação. Depois de algumas explicações e esclarecimentos sobre o teor do Estatuto, depois de desfeitas as devidas restrições, foi aprovado por unanimidade pelos presentes.⁴¹

⁴¹ Documento pertencente ao Acervo da Associação de Amigos do Patrimônio Histórico e Cultural de Dois Irmãos (AAPHeCDI).

Na semana seguinte, em 24 de outubro, ocorreu uma segunda reunião, onde houve a indicação e eleição da primeira diretoria da entidade. Conforme registrado em ata, a presidência ficou à cargo da professora Vera Rausch, tendo como vice-presidente o comerciante Justino Antônio Vier. A secretaria ficou sob responsabilidade da professora Tânia Luísa Becker, tendo como segunda secretária Denise van Hattem. A parte financeira da entidade ficou aos cuidados de Larissa E. Weber (tesoureira) e Theresinha R. Malheiros (segunda tesoureira).

A partir de 1995, a AAPHeCDI elaborou e encaminhou projetos aprovados por lei de incentivos fiscais, com o objetivo de captar recursos através de patrocínios para realizar obras de restauração do prédio histórico. Destaca-se que o primeiro projeto nesse sentido data de 1990, elaborado pelas arquitetas Ana Meira e Cristina Hoffer. Em 1995, a Prefeitura Municipal contrata a empresa Espaço Arquitetura e Restauo para levantamento de necessidades e patologias, visando o restauro da Antiga Matriz. Já em 1996, iniciaram as obras de recuperação do telhado, com verbas oriundas do PRONAC-MEC e da Prefeitura Municipal de Dois Irmãos.

As obras de restauro ocorridas entre 1998 e 2007 contaram com aporte financeiro vindo do Grupo Herval, por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura (LIC), do Consulado Geral da Alemanha e da Prefeitura Municipal de Dois Irmãos. Neste período, as obras de restauro se concentraram na estrutura da edificação, drenagem, construção de sanitários, restauração das pinturas murais, do forro e vitrais, assim como ajardinamento externo, pintura e cercamento do prédio. Abaixo, elaboramos uma planilha com detalhes sobre as obras realizadas, período e empresas executoras.

Cronologia das obras de restauro

| Ano | Obra | Empresa Executora |
|------------|--|--|
| 1995 | Projeto de levantamento de informações para o restauro | Espaço Arquitetura e Restauo (Arq. Edegar Bittencourt da Luz e Arq. Maria Lúcia Duarte Fuentefria e Helga Luiza Suffer) |
| 1996 | Obras de recuperação do telhado | Empresa ARS (Salvador do Sul) |
| 1998/2000 | Obras de restauro estrutural | |
| 2000 | Obras de drenagem e pavimentação externa e instalação de sanitários subterrâneos | |
| 2004 | Obra de construção da escadaria e recuperação vitrais da torre | Espaço Arquitetura e Restauo |

| | | |
|-----------|---|--|
| 2004/2006 | Obras de restauro das Pinturas Murais, das pinturas do forro, limpeza de recuperação da tela do altar lateral e da cruz | Suzana Cardoso e Fernandes EPP – Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis |
| 2006 | Obras de paisagismo, nova pintura externa, cercamento, ajardinamento, calçadas e iluminação externa | |
| 2007 | Trabalhos finais de restauro | Espaço Arquitetura e Restauro |
| 2008 | Remoção de manchas das paredes internas e repintura das áreas afetadas | Markus Wilimzig |

Adaptação do texto original escrito por Vera Maria Rausch.

Capítulo 9

A REQUALIFICAÇÃO

A partir de 1995, a Antiga Matriz passou a ser utilizada como um espaço de realização das mais diversas atividades culturais. Mas a inauguração oficial como um espaço cultural ocorreu em 2007, após o encerramento das principais obras de restauração do prédio. Ao longo dos anos, a Antiga Matriz de São Miguel se consolidou como um importante espaço cultural, tanto que hoje possui uma nova denominação: *Espaço Cultural Antiga Matriz*, oficializada no ano de 2017.

O primeiro grande evento ocorrido no interior da Antiga Matriz ocorreu no ano de 1999: o *Recital de Canto e Piano*, com a soprano Laura de Souza e a pianista Olinda Allessandrini. O público participante foi de 400 pessoas, em um espaço que ainda contava com tapumes e materiais utilizados no restauro. Em 2019, nas *Comemorações do 150 anos da Antiga Igreja Matriz de São Miguel*, uma série de atividades foram realizados ao longo daquele ano, culminando com um evento que durou um dia inteiro, com a montagem de três palcos, atrações musicais e show de luzes na fachada do Espaço Cultural, além da produção de um documentário e uma exposição sobre os 150 Anos da Antiga Matriz. Outras atividades que merecem destaque nesse processo de requalificação são as *Temporadas Culturais*, que ocorrem todos os anos, desde meados da década de 2010. A AAPHeCDI formalizou um convênio com a Prefeitura Municipal de Dois Irmãos no ano de 2010, passando a administrar o Espaço Cultural Antiga Matriz, promovendo e coordenando as atividades que ali são realizadas, assim como se empenha na constante manutenção, qualificação e valorização do local.

Além dos projetos de restauro, houve o empenho na modernização do Espaço Cultural, especialmente a partir de 2017, com o Projeto Equipar, onde foram adquiridos mobiliários e constituídas as áreas de palco, plateia e galeria de artes visuais, além do desenvolvimento do site institucional e logomarca. A partir de 2019, com o Projeto Equipar II, vem ocorrendo a continuidade no trabalho de qualificação e modernização, iniciado com o Equipar I. Por fim, merece destaque o projeto deste *Memorial*, constituindo, assim, um centro de preservação e difusão da memória e história da Antiga Matriz. Este projeto contempla a criação de um espaço permanente de exposição museográfica do acervo da Antiga Matriz, além do Memorial Virtual, com acesso local por meio de um totem interativo e através do site do Espaço Cultural Antiga Matriz.

Referências

ARENDDT, Isabel Cristina. **Educação, Religião e Identidade Étnica:** o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2008.

BLUME, Sandro. **Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul:** recortes do cotidiano. São Leopoldo: Oikos, 2015.

CULMANN, Helmuth. Auf Königsberg. In: **Heimat** – Lesenbuch. São Leopoldo: Editora Rotermund, 1931.

KANNENBERG, Hilmar. **Fundação Evangélica, um Século a Serviço da Educação,** 1886-1986. São Leopoldo: Rotermund, 1987.

MOEHLECKE, Germano Oscar. Contribuição à história de Dois Irmãos. In: IV Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. **Anais...** São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 1987.

RAMBO, Arthur Blásio. **Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul** (1824 – 1924). São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

SANTOS, Rodrigo Luis dos. **Um caminho, múltiplas escolhas:** Carlos de Souza Moraes e sua atuação político-intelectual no Rio Grande do Sul (1930-1950). Tese [Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2021.

SCHAUREN, Décio A; HÜTTENBERGER, Friedrich F. **Desvendando um mito:** a lenda do veleiro Cécilia. A história real da dramática viagem de emigração de um grupo de colonos alemães para o Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2020.

SPOHR, Inácio. **História das Casas:** um resgate histórico dos jesuítas no sul do Brasil – Paróquia São Miguel – Dois Irmãos/RS. Porto Alegre: Padre Reus, 2016.

STOCKER JR, Jorge Luís. **Sob o Königsberg:** paisagem e patrimônio cultural da Antiga Colônia Alemã de São Leopoldo. Dissertação [Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2019.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **Organização Social dos Imigrantes:** A Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850). São Leopoldo: UNISINOS, 2003.